

**RELATÓRIO DA SUBCOMISSÃO:
SUBCOMISSÃO XVI
Jubilação**

Quanto ao documento 122.

Oriundo do(a):

Presbitério Sudoeste de Goiânia.

Ementa:

Jubilação do Rev. Valter Graciano Martins.

Resolve:

1) Jubilar o referido Ministro de acordo com o art. 49 § 2º e 6º da CI/IPB, sem ônus para a IPB;

2) Agradecer a Deus pela vida do nobre Ministro, pelo profícuo Ministério com os seguintes destaques:

a) Ordenado a 09 de fevereiro de 1975 pelo Presbitério de Goiânia;

b) Serviu como evangelista nos campos de Iturama, Pirapora e João Pinheiro, em Minas Gerais; Vila Betel e Vila União, em Goiânia; pastoreou as congregações de Paraíso do Norte, as igrejas de Ceres, Formoso, Nova Glória, Rubiataba, Rialma, Minaçu, em Goiás; Primeira de Santo André e Primeira de São Bernardo, como auxiliar, e efetivo na Igreja de Vila Paula (São Caetano do Sul), no Estado de São Paulo; Professor de Teologia na Faculdade de Ceres, Presidente e Secretário Executivo do Presbitério de Ceres; Deputado ao Supremo Concílio; serviu à Casa Editora Presbiteriana como editor; traduziu importantes obras da teologia reformada, como os comentários de William Hendriksen (Mateus, Lucas, Romanos, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Apocalipse e Pastorais), comentários de João Calvino (1 e 2 Coríntios, Romanos, Gálatas, Efésios, Pastorais, Hebreus, Daniel e Salmos), por meio das Edições Parakletos, de seu próprio empreendimento, iniciando a leitura, sem precedentes, das obras de João Calvino no Brasil; além destas, traduziu diversas outras obras importantes, como a Teologia Sistemática de Charles Hodge e Teologia Apologética de Francis Turretin;



**Igreja Presbiteriana
do Brasil**

PROTOCOLO No XCIV

**Roberto Brasileiro Silva
Presidente do SC/IPB**

Data: 25/03/2010

3) Congratular-se com sua esposa Sr^a Cremilda Alves Martins, auxiliadora e intercessora de seu esposo;

4) Pelos excelentes serviços prestados à IPB, conferir-lhe o respectivo diploma, e medalha à sua digníssima esposa.

Sala das Sessões, 25 de Março de 2010.

Relator: Rev. Ricardo Régis Bandeira Rodrigues

Sub-relator: Rev. Wendell Lessa Vilela Xavier

Membros: Rev. Antônio de Brito Oliveira, Presb. Paulo Mastro Pietro.

Belo Horizonte, 22 de março de 2010.

Ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil – Reunião Ordinária 2010.

Rev. Roberto Brasileiro Silva
MD Presidente do Supremo Concílio IPB

Estimado irmão em Cristo.

No cumprimento de minhas atribuições, encaminho documento anexo para consideração e deliberação da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Origem: Presbitério Sudoeste de Goiânia

Jubilação do Rev. Valter Graciano Martins

Sendo o que me cumpre, registro meu mais sincero apreço e consideração em Cristo.

Fraternalmente



Rev. Ludgero Bonilha Moraes
Secretário Executivo do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

PROTOCOLO Nº 122

Destino:

Rev. Roberto Brasileiro
Presidente do SC/IPB

Data: 22/03/2010



PRESBITÉRIO SUDOESTE DE GOIÂNIA

P.S.G.N.

Sínodo Brasil Central

Organizado em 10.12.1998 CNPJ. 03.956.776/0001-78

Av. 24 de Outubro 435 - Campinas

74.505-010 Goiânia - GO

Goiânia, 18 de Fevereiro de 2010.

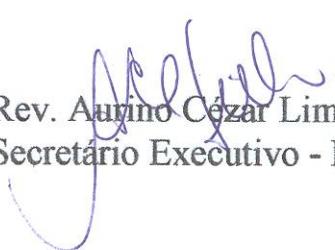
À
Secretaria Executiva do SC/IPB
Belo Horizonte - MG

Prezados irmãos,
Graça e Paz!

O Presbitério Sudoeste de Goiânia - PSGN em sua XII Reunião Ordinária, entre outros assuntos, resolveu encaminhar à esta Secretaria, documentos do ministro **Rev. Valter Graciano Martins**, visando sua Jubilação conforme Art. 49 § 2º. Anexos estão sua Carteira de Ministro e Relatório de sua vida ministerial. Abaixo transcrevo parte da Ata com a devida resolução:

Doc. 075/10, relatório da Comissão de Finanças e Distribuição de Campo, nos seguintes termos: "O PSGN, em sua XII Reunião Ordinária, resolve: 01-Quanto ao Doc. 010/10, como o Rev. Valter já completou 70 anos de idade, e conforme o Art. 49 da CI/IPB, parágrafo 2º, o mesmo tem direito à jubilação. Encaminhar o seu processo ao SC para as devidas providências".

Sem mais, fraternalmente em Cristo,


Rev. Aurino César Lima Filho.
Secretário Executivo - PSGN

MEMÓRIAS DE MINHA VIDA
COMO
MINISTRO DO EVANGELHO

MEMÓRIAS DE MINHA VIDA
COMO
MINISTRO DO EVANGELHO

Ao Presbitério Sudoeste de Goiânia,
com destino ao Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil,
com vistas à jubilação.

VALTER GRACIANO MARTINS

Justificativa

Não delinheio este rascunho de minha modesta vida por ser ela valiosa demais para perecer na obscuridade, como se dá com a vida de tantos servos de Cristo, muito mais valiosa que a minha, cuja história jamais será escrita nem lida na Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, porquanto ninguém gastaria tempo para escrevê-la. Se escrevo alguns retalhos da minha, é porque tenho de fazê-lo, impelido pela exigência do Supremo Concílio, e também porque ela está inserida na de tantos outros que andaram mais ou menos a meu lado numa jornada que remonta a meio século, só nas lides sagradas, e porque a vida desses foi e tem sido realmente mui preciosa. É impossível fazer uma biografia isolada, porquanto um escrito para ser uma biografia só é possível se envolver a de muitos outros.

Por longo tempo, minha vida foi comum como a de todos os demais obreiros que labutam nas igrejas locais. Depois ela sofreu uma reviravolta tal que, querendo ou não, entrou para a história da Igreja de modo marcante e perene. Não creio que isso será reconhecidamente relevante no seio da Igreja atual, pelo menos enquanto eu viver, pois os homens amam render homenagem póstuma, quando, então, o homenageado nem sabe o que está ocorrendo aqui “embaixo”. Se ele já foi recebido lá “em cima”, com boas-vindas, então a homenagem aqui é supérflua e empanada pela glória do descanso vigente. Na verdade, estes alinhavos biográficos se prestam para deixar registrado que, no tocante a mim, o Senhor da Igreja realizou uma grande obra, ainda que pelas mãos de um pequeno homem, em meio a muitas fraquezas humanas, que precisam e são perdoadas pelo Senhor de toda a graça. E, provavelmente, se porventura alguém tiver a idéia e paciência de ler este breve rascunho, poderá ser que o mesmo seja estimulado a seguir em frente, com mais denodo, em sua própria jornada já traçada pelo Deus dos decretos eternos. Caso este relato inspire a alguém no futuro, que homenagem humana suplantarão este bem tão imenso? Se Ele usou alguém tão imperfeito e incompleto, o que fará, então, através de alguém mais perfeito e mais completo? É o que realmente desejo de todo o coração.

Primórdios

Pois quem despreza o dia dos humildes começos,
esse se alegrará vendo o prumo na mão de Zorobabel (Zc 4.10)

Certo casal teve nove filhos, um faleceu com poucos dias, dos oito restantes todos tinham seus nomes iniciados com M: Maurício, Maurílio, Maria, Marcely, Marcelucio, Manoel e Marília; menos o do meio que recebeu um nome iniciado com o V de Valter. Os pais nunca souberam exatamente a razão da diferença, e realmente pouco ou nada importava, já que aquele menino se sentiu feliz com o nome recebido. Justamente aquele menino de nome diferente estava destinado à realização de algo perene e também diferente, o qual jamais seria apagado da história, cujo nome se perpetuaria nas páginas de dezenas de livros, fato este que ninguém e nem mesmo ele tinha a mínima consciência, enquanto crescia e se desenvolvia, pisando a lama da terra massapé, respirando o ar puro do campo, banhando-se no ribeirão que corria nos fundos da casa onde viveu por cerca de uma década, trabalhando com o pai na lavoura.

Era uma família agrícola, a lidar com a terra e com animais domésticos. Os pais, Manoel e Joana, eram pessoas muito simples, praticamente sem qualquer escola: a mãe, totalmente analfabeta, e o pai mal sabia rabiscar o nome, fazer umas continhas e soletrar as palavras de um texto bem simples. Mais tarde ele chegou a ler várias vezes o Novo Testamento de letras graúdas. Mesmo assim, eram pessoas honradas e criaram os filhos com certa austeridade. Os filhos cresceram e se formaram pautados nesses princípios rudes, porém básicos e vitais. No entanto, eles mesmos não tinham uma religião bem formada e orientada. Diziam-se “católicos”, porém na prática imperava-se um rude sincretismo. Formaram uma idéia muito vaga sobre Deus. Criam que os santos é que estão no comando para nos valer. Nunca chegaram a ler a Santa Escritura, senão bem depois, através justamente daquele filho do meio, de nome diferente. O pai se impôs que todos os filhos fossem à escola: “analfabeto basta eu”, dizia o rude lavrador da terra. De fato, nenhum dos oito cresceu sem escola. Todos adquiriram o suficiente para a boa condução da vida. Cada um seguiu sua própria inclinação e índole, porém sob a influência daqueles princípios paternos. O mais velho, Maurício, e o caçula dos homens, Manoel, já partiram deste mundo, cada um com sua cota de erros e acertos, porém nutriam o temor de Deus, cada um a seu próprio modo. Nenhum deles seguiu o desafortunado caminho do banditismo. Nenhum deles contraiu os deletérios vícios de nossa sociedade depauperada. Nenhum deles partiu sem ler a santa Escritura, portanto, sem conhecer a verdade revelada.

Havia entre os dois, marido e mulher, extrema disparidade e antagonismo; não conseguiram avançar juntos até o fim. Então resolveram viver cada um para si e por si, ficando o pai com os dois mais novos, dentre os homens, Marcelucio e Manoel, pois a caçula, Marília, ficou com a mãe. Como os três mais velhos, Maurício, Maurílio e Maria, já se aventuravam sozinhos, os dois do meio, Valter e Marcely, tiveram que enfrentar a vida sem qualquer amparo paterno ou materno, sem qualquer estrutura emocional e financeira, ainda na adolescência. Poderiam ter seguido qualquer caminho ruim. Marcely era sapateiro e Valter, ferreiro. Aquele encarou a vida a seu modo e partiu se aventurando no campo da aquisição de bens, e deu certo, pois conseguiu ajuntar razoável riqueza; este, sem ter nenhuma outra inclinação nem oportunidade ou alternativa, continuou ferreiro, mal ganhando para comer, vestir-se e dormir debaixo de um teto.

Certo dia ele conseguiu uma humilde pensão onde pudesse ter seu quarto e comer de modo mais metódico e substancial. O dinheiro só dava para pagar à dona da pensão sua locação. Ele ficou ali cinco longos anos. Longos porque foram anos penosos, escuros, solitários, sem qualquer perspectiva de vida futura. Não havia ninguém a quem recorrer em quaisquer assuntos. Via uma moça, sentia-se naturalmente inclinado, porém se esquivava de mansinho, pesaroso, constrangido, porquanto seu aspecto social era mui precário. Roupas remendadas, calçados velhos e rotos, só bem mais tarde pôde usar um terno completo, mesmo assim porque alguém lho presenteara. E assim Valter conheceu um universo de solidão e de apatia no tocante à vida futura. Continuará para sempre ferreiro? Casaria com quem nesse estado caótico? Um dia surgia no horizonte e morria no outro horizonte. Vinha outro dia, e assim sucessivamente, semanas, meses, anos! Até mesmo sonhar lhe era difícil na presente conjuntura. Sonhar com quê? Ele não via nenhuma via de acesso a uma vida diferente daquela!

Não obstante, naquela vida jazia oculto um grande e misterioso segredo, uma trajetória completamente diferente da trajetória dos demais. Ele nem sequer podia imaginar, mesmo de leve, o que o Senhor do universo lhe reservara. Aliás, naquele tempo, se alguém lhe sugerisse, mesmo brincando, que ele seria o que passou a ser logo depois, certamente teria ali um inimigo de sua alma, porquanto odiava crente e fugia de qualquer assunto sobre religião. Nunca lera a Bíblia, nunca entrara num templo evangélico, nunca demorara com um cristão evangélico para falar sem pressa das grandezas da salvação em Cristo. O primeiro que lhe fez menção de um texto bíblico, esse mesmo fez uma citação inexistente, a saber: “Ai dos *cantadores* e encantadores.” Porquanto ele era “cantador”. Quando via numa praça evangélicos reunidos para a pregação da palavra, cortava uma longa volta para escapar de ouvir sequer uma palavra da boca deles. Ele nem de leve podia perceber que ali estava todo seu futuro, toda sua felicidade, toda sua vida com o Senhor da vida. O Espírito de Deus o encaminhava para as veredas da plena verdade e para a esfera de um conhecimento que ele jamais poderia encontrar em qualquer outro lugar do mundo.

Encontro com a verdade divina

Logo descobriu, para profundo desgosto seu, que a proprietária da pensão, sua irmã e mãe eram “crentes”. De vez em quando entrava ali um homem alinhado e de boa prosa, e então foi informado que aquele era o pastor da igreja daquela família. Cada vez que o Evangelista Armando Bonilha adentrava aquela casa, aquele moço arredio saía pelos fundos e esperava um bom tempo para então voltar. Passou então a freqüentar as missas com mais assiduidade junto com seu único amigo Zico, um pouco mais moço, muito religioso, com quem formou dupla caipira, aprendendo a tocar violão e viola. Zico se tornou um exímio violeiro, chegando a gravar disco com outro. Não faz muito tempo, chegou pelo correio um cd dele com esta dedicatória: “Com muito carinho e amor para meu irmão Valter Gordinho e família.” “Gordinho” era o carinhoso apelido que aquela família lhe dera, a qual, naquele tempo, se tornara sua família.

Certo dia a irmã da proprietária, Avelina, convidou o moço a acompanhá-la a uma reunião em sua igreja. Para o solitário jovem, ela se fizera como que uma irmã, e por isso contra gosto a levou àquela reunião de jovens. Ele se sentiu fascinado com aquelas pessoas diferentes. Eram pessoas simples e sinceras; queriam sua amizade; importavam-se com ele; nunca vira nada igual, pois até então ninguém lhe dedicava amizade, além da família do Zico. Logo estreitaram os laços de amizade com aquele moço carente. Sentindo-se cativado, começou a compreender que os crentes eram pessoas nobres, amorosas, leais, e que liam a Bíblia constantemente e com convicção, pautando sua fé pelas páginas das Escrituras. O fato é que nunca mais deixou de freqüentar a igreja. Isso se deu em 1958, com 19 anos de idade, num dos momentos mais cruciais na vida daquele jovem que, sem o saber, era encaminhado pelo Senhor da vida a um novo destino, um destino sem volta, um destino decisivo que mudaria para sempre uma vida que nada valeria sem essa bendita encruzilhada.

O que pode levar uma pessoa a gostar do que antes detestava, a mudar de rumo, seguindo a direção oposta e indesejada, a interessar-se pelo que antes desconhecia completamente, a descobrir que a felicidade não estava onde pensava estar, e que seu

futuro lhe era completamente diferente daquele que outrora almejava? É verdade que algumas pessoas viram as costas para a felicidade e a buscam onde não está, e se destroem, quando, seguindo em frente, teriam se salvado para sempre. Mas é mais fácil perder-se do que salvar-se. O caminho da salvação só pode ser achado pelo dedo de Deus que aponta nitidamente o rumo que não queríamos nem ora queremos seguir. Deus dera àquele moço a infinita graça de passar a querer o que antes não queria; a descobrir que a fonte da felicidade estava justamente onde ele recusava a recorrer. Pois se o Espírito de Deus não mudar a disposição interior de uma pessoa, ela jamais tomará, por si só, a decisão certa. Não há equívoco mais desditoso do que crer que uma pessoa, sem a bênção da regeneração, pode, por si mesma, escolher seguir a nosso Senhor Jesus Cristo. Entregues a nós mesmos, todos pereceríamos irremediavelmente. Foi isso que aconteceu ao universo interior daquele moço: o Espírito de Deus abriu os olhos de sua alma e o fez ver o que antes não via; mudou sua mente, para que pudesse pensar o que nunca pensara; mudou sua sensibilidade, para que pudesse sentir o que jamais havia sentido; mudou sua vontade, para querer o que jamais haveria de querer. Esses são efeitos da doutrina mais gloriosa da Bíblia: a eleição ou predestinação. Aquele moço era eletivamente conhecido de Deus desde toda a eternidade, desde que Deus formulou seu eterno decreto. E a causa de sua eleição estava em Deus mesmo, e não nele. O que Deus poderia prever naquele moço para o eleger? Deixado por conta própria, continuaria naquela vidinha modorrenta, sem achar o caminho de acesso à vida eterna. Tudo o que lhe ocorreu e lhe ocorreria com o passar do tempo foi elaborado por Deus, tão-somente por ele.

Ingresso na igreja

Sim, Valter sou eu. Aquela pequena igreja veio a ser o berço de minha nova fé, uma fé que antes eu maldizia e dela fugia. Aquela igrejainha passou a ser minha família. Cada vez mais me entrosava com pessoas que oravam por mim e comigo. Ensinavam-me não só a ler a Bíblia, mas também a amá-la e a conhecê-la. Encontrei em certo jovem um amigo e mestre do alfabeto bíblico. Infelizmente, ele regressou ao caminho de outrora e permaneceu nele, afastando-se da santa vereda da fé genuína. No entanto, nunca deixei de amá-lo, porque, misteriosamente, nos comandos da Providência, o Senhor da Igreja o usara para encaminhar-me na vereda que, depois, ele mesmo abdicou. Quem é capaz de entender ou de explicar essas coisas?

Armando Bonilha mudou-se, e para Tupaciguara foi um moço chamado Francisco Maia, naquele tempo evangelista da Missão Presbiteriana no Brasil, pois aquela congregação pertencia ao campo missionário da Missão. Bem jovem, ainda solteiro, Francisco deixara o IBEL e passou a morar também naquela mesma pensão, com seu quatinho exclusivo, separado dos demais, conquanto levava uma vida completamente diferente de todos os mais e carecia de um cantinho isolado para suas reflexões. Foi dele que comprei minha primeira Bíblia, a qual veio a ser meu primeiro abecedário bíblico. Foi com ele que aprendi os rudimentos doutrinários. Foi dele que recebi as mais profundas influências para o ministério futuro. Moço correto, franco, sisudo, letrado, simpático, sorriso largo, cativava as pessoas com sua pessoa e seu modo de ser. Aquilo para mim era algo completamente novo, porquanto vivera até então saturado com todo tipo de hábitos e vícios nocivos e destrutivos e na companhia de pessoas que já tentavam arrastar-me para o

mundo da perdição. Numa palavra, eu já estava bem encaminhado e iniciado na vereda que conduz à destruição. Sozinho, teria caído no abismo sem fundo.

Professei minha fé em maio de 59, ano do jubileu da IPB, um pouco antes de completar 20 anos, sob a ministração de um homem que mais tarde seria meu companheiro por duas etapas, em Goiânia e em Ceres, duas etapas completamente distintas, porém marcantes. Seu nome é Luis Sherwood Taylor. Creio que ainda vive. Naquela cerimônia eu estava só, nem mesmo sabia responder às perguntas do ministrante. Se a validade da profissão de fé estivesse na perfeição das respostas às perguntas feitas pelo ministrante, então a minha não teve qualquer validade. Mas, por detrás do ato externo estava algo profundo e invisível, conhecido só daquele que age em secreto nos mais recônditos do ser humano, para mudar e redirecionar segundo seu desígnio e vontade soberanos.

Vocação para o ministério

Francisco Maia veio a ser meu espelho, meu referencial, e o Espírito de Deus usou aquele moço para injetar em mim um profundo anseio de ser como ele, de aprender a pregar como ele pregava. Francisco acabara de sair do IBEL (Instituto Bíblico Eduardo Lane), Patrocínio, Minas Gerais, onde se formara para o serviço de evangelista leigo. Ele me falava muito desse IBEL, despertando em mim profundo anseio de ir lá e fazer o curso que ele fizera. Eu queria mudar de cidade, mudar de vida, experimentar algo bem diferente. Ali eu revivia minha vida pregressa, trabalhava na mesma oficina, mantinha vivência com as mesmas pessoas, era criticado por pessoas perversas e ignorantes, que me conheciam bem, as quais tentavam convencer-me de que eu estava num barco furado, que a religião que ora abraçava era vazia de toda a verdade, fabricada por homens perversos, inventada não há muito tempo. Um padre me disse que deixar a santa igreja católica era assinar a própria condenação eterna; que mudar de religião equivale a desgraçar a vida. Jesus não estava em nenhum outro lugar senão na santa madre igreja católica. Que o papa era nosso pai, o pai da igreja, a igreja romana, nossa mãe. Permanecer nela é viver na cidade de Deus. Sair dela é viver sem Maria, a Mãe Celestial. No entanto, ali eu vivera sem Jesus Cristo, sem a Bíblia, sem a verdadeira igreja, enfim, sem vida, sem verdade e sem luz. Eu lhe perguntei: Se eu morrer hoje, para onde eu vou? Ele me disse que ninguém pode saber. E lhe perguntei de novo: Se a igreja romana é nossa mãe, então ela deve garantir-nos que jamais nos perderemos, permanecendo em seu seio. O padre ficou sem assunto.

Certo dia recebi um folheto de um colega de oficina, com o título: “Por que não posso ser protestante?” Na igreja, eu havia recebido uma réplica desse folheto, com o título: “Por que não posso ser católico romano?” Então troquei figurinha com aquele amado colega. Disse-lhe que havia lido atentamente seu folheto, e que ele lesse o meu. Assim fizemos. Ele não mais tocou no assunto. O fato é que aquele colega veio a ser meu grande amigo, se deixando influenciar por mim; sem deixar a igreja papal, porém passou a ler a Bíblia com afinco e a liderar grupo de estudo bíblico em sua paróquia. Não faz muito tempo, nos encontramos e ele me confessou que eu fora uma grande bênção na vida dele; que lhe ensinara a amar e a ler a Bíblia com toda sinceridade; que me tinha em elevada

consideração; que, para ele, eu era seu irmão; que sempre me citava nas reuniões de casais que ele dirigia; que um dia queria me convidar a dar um estudo bíblico a seu grupo.

Meu bom amigo e orientador, Francisco Maia, foi transferido de Tupaciguara e para lá, em seu lugar, foi outro evangelista, Jair Pires. Homem estudioso, também inteligente, cuja esposa muito generosa, cujo irmão, José Silvério, mais tarde seria meu companheiro de campo missionário. Vendo minha situação, e tendo em sua casa um cômodo nos fundos onde eu pudesse morar por algum tempo, convidaram-me e eu aceitei residir ali. Aquele foi meu melhor tempo. Rev. Jair e D. Maria do Carmo jamais terão ciência do profundo bem que me fizeram. Eram carinhosos comigo e de vez em quando me assentava com eles em torno de sua mesa. Foi dali que saí rumo ao IBEL. Sendo ambos ibelinos, passaram então a incentivar-me a que fosse lá para um dia ser também evangelista. Depois de Francisco, aquele casal passou a ser em minha vida um marco decisivo.

Assentei no coração que também seria ibelino, e que um dia haveria também de servir ao Senhor Jesus. No entanto, me faltava literalmente *tudo* para tal empresa. Faltava-me cultura suficiente. Então uma moça da igreja se dispôs a dar-me aulas particulares, gratuitamente, usando um antigo livro chamado *Exame de Admissão*. Estudei muito, porém minha desestrutura era tão escabrosa, que pouco proveito tive. Faltavam-me recursos financeiros, e a igreja era muito pobre, sem qualquer condição de favorecer-me ou mesmo de prometer-me algo para o futuro. Faltava-me contato com o IBEL. Miss Vivian Hodges era professora lá, visitou nossa igreja e conheceu-me ali, prometendo ajudar-me no ingresso naquela instituição, o que de fato fez. Faltava-me um tutor eclesiástico, e ninguém se oferecia para tal função, nem mesmo o missionário do campo, e o evangelista, Jair Pires também não tinha condição para isso. Aliás, a Missão nem mesmo tomou conhecimento de minha decisão. Portanto, não tinha qualquer *vínculo* com o IBEL, não tinha *cultura* suficiente, nem *dinheiro* e nem um *tutor* eclesiástico: tinha que vencer sozinho. Mas uma coisa eu tinha: ânimo, vontade, um coração palpitante de amor pelo reino de Deus, a despeito de tanta ignorância.

Mesmo assim, eu queria ir para o IBEL. Eu tinha que ir para lá. Aquele colégio era meu futuro. Tal idéia me impelia cada vez mais. Passou a ser todo meu sonho. Dia e noite me via ali, estudando, enchendo-me de conhecimento, preparando-me bem para ser um obreiro de Jesus Cristo. Eu havia decorado aquele versículo de Paulo a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15). Como naquele momento eu era completamente despreparado, sem saber nem mesmo ler a Bíblia com alguém, de falar de Jesus Cristo como nossa eterna e infalível esperança, eu tinha que me preparar para isso.

Acertei com meu patrão da ferraria, virei as costas para aquela modesta oficina que fora a fonte de meu sustento, depusitei o martelo sobre aquela velha bigorna, acertei com a pensão, onde morara por cinco anos, sobrou-me dinheiro suficiente para chegar lá; despedi-me de minha igreja, onde havia encontrado a felicidade e a paz com Deus, e parti rumo ao IBEL – para mim, um mundo totalmente desconhecido. À medida que o ônibus percorria a estrada, diminuía a distância, mais me sentia adentrar um universo de onde jamais poderia achar o caminho de volta à velha vida. Estrada de chão, a poeira se elevava ao céu, densa, lenta e bem vermelha; vi minha cidade sumir no horizonte; senti minha vida

pregressa se dissipar como fumaça; senti minha alma ofegar; olhava para frente, nada via senão um mundo desconhecido, porém a fé me impelia para frente, para nunca mais voltar atrás. Aquele moço de outrora morria e renascia um novo homem, cheio de uma esperança que não podia ser ilusão, aquela esperança bíblica que jamais morre – havia de concretizar-se um dia. Meu coração se arrojava e meus olhos marejavam, movidos pela visão retrospectiva e pela visão prospectiva: nada voltaria a ser o que fora; o futuro me era totalmente desconhecido. Na verdade, era como se eu pairasse no ar, sem onde repousar meus pés. Minha esperança se digladiava com a dúvida. É assim que entendo as palavras de Paulo: “esperando contra a esperança.”

Preparo no IBEL

Aquele ônibus estacionou-se na rodoviária de Patrocínio; era o destino final da viagem. Enfim, chegava no IBEL. Aquele, sim, era-me um novo universo. Até então, não havia visto nem experimentado nada parecido. O choque existencial foi terrível; o contraste, chocante. Ao deixar o interior do ônibus, empunhando uma malinha surrada, deparei-me com um bando de pássaros em festa: eram Ibelinos de todos os recantos que ali chegavam para ou início ou reinício das aulas. Os veteranos festejavam o reencontro; os novatos se esquivavam ante o inusitado. Ninguém era conhecido. Aos poucos fui avistando alguns dos professores. Ao encontro dos alunos na rodoviária foram Miss Frances Hesser e Dona Ana Alvarenga. Aquela, a psicóloga de todos; e esta, a conselheira das moças. Há tempo que ambas viviam ali, e há também que ambas abriram passagem rumo à morada dos santos, deixando para trás um rastro de luz que jamais deixará de fulgurar.

Jamais imaginara que houvesse no mundo pessoas como aquelas. Na verdade, eram seres humanos como todos; eram pecadores como todos; não eram “santos”, como na forja da igreja romana. A diferença estava numa vida disciplinada, metódica e piedosa, otimista e alegre, de intimidade com Deus. Eram homens e mulheres dedicados ao Senhor da Igreja. Jame Woodson, Frances Hesser, Marta Little, Ana Alvarenga, Nazaré Pimenta, Maria do Carmo de Castro, Saulo de Castro Ferreira, Bill Smith, Donald Kaller, Loyde Emerick, entre outros. Erravam também, porém suas vidas inspiravam nos alunos uma nova conduta, uma nova visão existencial, de amor pelo reino de Deus, pela Bíblia, pelas almas perdidas, de respeito mútuo, do desejo de ser santo e justo. Todos esses e os outros eram homens e mulheres profundamente cultos, experientes e comprometidos com “a fé uma vez entregue aos santos”. Sua fé teológica era reformada, ortodoxa, exemplar, sólida e de profunda convicção. Os alunos não saíam de lá com algum conhecimento confuso ou distorcido da Bíblia. Eles incrementavam a busca por um conhecimento profundo da fé cristã. Suas aulas eram inspiradoras. Sua vivência era amorosa e dinâmica. Sua moralidade era exemplar. Vivi três anos intensos naquela instituição.

Minha vivência passou a ser com muitos moços e moças que haviam deixado suas famílias, igrejas, profissões e círculos sociais para se prepararem com o fim de servir ao reino de Deus com mais habilidade. A impressão que tive dos veteranos é indescritível. José Siqueira, Clovis, Benjamim, Amadeu Rocha, Orlando, Samuel, Arnaldo, Frederico, entre tantos outros, sem falar nas mulheres, que eram tantas. Todos esses já haviam estudado bastante, já haviam enfrentado os campos. Invejava-os por já serem pessoas com

um preparo do qual eu estava ainda muito longe de alcançar. Eram polidos, amigos, crentes, estudiosos, muito diferentes de mim. Falavam de suas realizações nas igrejas durante as férias. Falavam de suas leituras e aulas de teologia. Perguntava-me: Será que vou chegar lá? Diante deles, minha timidez era alarmante. Só de tentar visualizar-me naquele ambiente, perdia o fôlego, não conseguia acreditar que tivera a coragem de chegar ali sem a mínima condição. Não estou a empregar qualquer hipérbole; é a pura realidade. Sentia isso de tal modo que procurava viver afastado de todos. Quase não falava, nem com os colegas de quarto. A timidez era avassaladora. A expectativa era angustiante. Houve momento escuro e cheio de desesperança. Mesmo diante de meus colegas de classe, todos se avantajavam a mim. Já tinham certa cultura, enquanto que eu não possuía quase nada.

Minha classe era composta de Albertino, Edvar, Wilson, Antonio, Benedito, Eunício, Floramante. Desses, dois já faleceram: Antonio, falecendo na função de pastor; Benedito, faleceu na função de famigerado. A última notícia de Edvar é que se tornara pastor batista; Floramante veio a ser um grande pastor; de Eunício, nunca mais tivemos notícia; Albertino e Wilson se tornaram ativos presbíteros. Das mulheres: Cremilda, Diva, Domingas, Celcina, Claudete, Ivaneide, Luzia, Aparecida, Maria Cruz, Aldaíza, e umas outras que não ficaram até o fim do curso. A maioria das mulheres perdeu para sempre o contato conosco. Fui eleito o presidente da classe. Foi com Cremilda com quem me casei mais tarde.

Uma das pessoas mais extraordinárias que conheci em toda minha vida era então a mentora da instituição: miss Frances Hesser. Haver conhecido aquela mulher foi para mim uma das experiências mais ditosas. Era a mãe do equilíbrio, da simpatia, da serenidade, da percepção da alma humana. Ela olhava para dentro da gente. Nunca se alterava; nunca perdia aquele sorriso misterioso, com uma gargalhada discreta e breve. Suas perguntas pausadas e bem colocadas deixavam o aluno mudo e indisposto de tergiversar.

Outra mulher singular foi dona Ana Alvarenga. A pessoa que a teve por mestra e desfrutou de seu convívio deveria considerar-se privilegiada. Sua matéria muito pessoal denominava-se *A Montanha*. Ali se encontrava tudo o que é prático e conveniente para alguém que quisesse formar-se bem para o serviço da Igreja. A gente aprendia como se portar ao púlpito, desde o assentar-se até o postar-se por detrás dele; como assentar-se à mesa e como usar os talheres. Ai do grupo que durante a semana a tivesse encabeçando a mesa. Era uma penúria. Quase nem dava para comer. Muito do que aprendi com dona Ana Alvarenga veio a ser um hábito perene. Por exemplo, até hoje não consigo assentar-me ao púlpito e cruzar as pernas. Não consigo fazer um estudo ou pregar sem pelo menos a gravata. O moto de toda a matéria era: "Hei de encarar este monte difícil de transpor com o coração cheio de coragem." E, quando se assentava ao piano para os prelúdios do culto e acompanhar os louvores, ela tangia suas músicas prediletas com uma maestria só dela! Eu chegava mais cedo a fim de meditar aos sons daqueles acordes divinais. Se o culto fosse interrompido ali, sentia que já havia adorado o Senhor da vida.

Assim que cheguei, Miss Frances Hesser passou a assediá-me discretamente, fazendo-me perguntas acerca de minha pessoa, família, cultura e finanças. Com certeza ela passava para o diretor o que ia colhendo a meu respeito. Mais tarde foi a vez do próprio diretor, que quis saber quem era meu tutor, quem iria pagar a conta e como eu pensava vencer a falta de cultura: queria saber qual fora meu embasamento cultural. Com ingenuidade quase

simplória, eu respondia a tudo: não tinha nenhum tutor – aliás, nem mesmo conhecia o sentido de tal palavra; não tinha dinheiro nenhum, e contei parte de minha vida; minha cultura era quase uma nulidade. Estava ali porque senti profundo desejo de aprender a ganhar almas para Cristo e de edificar a igreja com o ensino da Santa Escritura. Então perguntou: “Valter, como é possível você permanecer aqui nesse estado? Esta escola sobrevive com o dinheiro dos alunos; cada um tem alguém responsável como seu orientador e acompanhante da vida e dos estudos; o aluno que não tem cultura básica não pode suportar a carga de aulas programadas. Sinto muito, mas tenho que mandá-lo de volta para casa.” Com estremecimento, lhe respondi: Rev., eu entendo tudo isso; se o senhor me despedir daqui, tenho que lhe dar razão. No entanto, há algo que o senhor precisa saber: se me despedir desta instituição hoje, não terei para onde ir. Ninguém me espera em lugar nenhum! Já estou afeiçoado a esta escola: como será minha vida sem ela? Expressei isso com a mais profunda emoção. Era quase que um grito da alma.

Rev. Woodson era homem de coração extremamente sensível. Explosivo, sim, porém sentia e chorava fácil com os outros. Naquele momento, ele chorou comigo! Pediu-me que aguardasse uns dias. Cerca de uma semana após aquele diálogo, ele me chamou outra vez ao seu gabinete. Então eu disse a meus colegas: Hoje é o dia de minha despedida do IBEL. Vou sentir muito a falta de vocês. Falei isso quase desesperado. Ao adentrar o gabinete do diretor, minha surpresa foi chocante. Com muita emoção, com um sorriso largo, ele me disse: “Valter, você já não vai embora! Consegui-lhe uma bolsa para dois anos. O restante deste ano eu mesmo pagarei de meu próprio bolso.” Amei aquele homem; aprendi muito com ele! Ele me passou a idéia de que quem serve a Cristo deve cultivar a solidariedade, a compreensão, a sensibilidade; seu coração tem de ser tangido pelo coração do Senhor da Igreja; seu coração tem que bater com o dos outros.

Como substrato teológico, o diretor promoveu a memorização do Breve Catecismo, com um prêmio no final, dado por ele mesmo, Rev. Dr. Jame Woodson. Meu afã foi tão intenso, que em poucos dias sabia o livrinho na ponta da língua. Toda a classe reunida, ele perguntou: Quem está pronto a recitar o Breve Catecismo? Não me lembro bem, mas creio que eu fui o único aluno a pôr-se de pé e ir à frente. Trêmulo, gaguejante, cuja excitação me sufocava, recitei-o em público, para a classe, e depois para todo o IBEL. Ele fazia as perguntas e eu respondia. A coisa foi feita com tanta precisão, que arrancou aplausos de todos. Havia emoção nos rostos e olhos a marejar. Aquele moço matuto e desnortado, de condição quase zero, fizera aquela façanha! Como prêmio, recebi das mãos do diretor, emocionados ele e eu, sob o olhar perplexo de todos, contagiando toda aquela santa assembléia, o livro *Salmos e Hinos com músicas sacras*, com a rubrica de próprio punho, com a data: 15 de junho de 1961, um dia após meu aniversário: 22 anos de idade. Eu o conservo íntegro, bem encadernado, até hoje. Foi nesse livro que aprendi os primeiros rudimentos da música sacra, cujos hinos mais tarde seriam entoados nas igrejas de meu pastorado e sob minha execução e regência. Conservo também aquele mesmo livrinho cujo conteúdo um dia memorizei, para nunca mais esquecer. São dois símbolos preciosos que me acompanham como emblemas de meu modesto desenvolvimento nas lides da Igreja de nosso Senhor. Repetir essas coisas sempre me foi motivo de alegria, emoção e gratidão, de como o Senhor da Igreja nos conduz passo a passo na grande escalada da vida cristã.

Depois de decorar e recitar o Breve Catecismo, costumo dizer que jamais poderia crer diferente. O livrinho moldou e determinou para sempre meu pensamento teológico. Dou-lhe valor máximo. Creio que, se toda igreja o ensinasse a partir da infância, aos novos crentes que se ingressam nas igrejas, aos oficiais, aos professores da Bíblia para toda idade, se todo ministro da palavra o soubesse de memória, o povo de Deus seria outro. Ao contrário disso, após jurar fidelidade à confissão de fé e catecismos, o ministro da palavra não só esquece que fez tal juramento diante de Deus e da igreja, mas cada um deles passa a ensinar o que quer e ainda declara, como fez um a mim há muito tempo, sem corar de vergonha, “que tenho eu com confissão de fé? Meu compromisso é com a Bíblia”. A verdade, a plena verdade, é bem outra: tal ministro não tem compromisso nem mesmo com a Bíblia, porquanto quem comete perjúrio dificilmente tem qualquer relacionamento com o Deus da Bíblia e da Igreja, e o que ele ensina no lugar não é de melhor qualidade; ao contrário, geralmente é de péssima qualidade. De antemão afirmo que jamais me desviei para outro caminho, nem nunca pensei ser necessário.

O IBEL tinha bem traçado um programa para os alunos, quer para fins-de-semana, quer para os períodos de férias. A cada fim-de-semana, todos saíam para algum canto a realizar algum programa em alguma igreja. Estive em várias igrejas da região em meus fins-de-semana. E fui para igrejas distantes em julho ou em dezembro a janeiro. Trabalhava com as crianças, com os jovens e com toda a igreja. Às vezes ia para uma grande igreja ajudar em alguma área dela; às vezes ia para uma pequena congregação. Era muito penoso tentar fazer o que ainda não dominava. Duas igrejas que me marcaram muito foram Lagoa Formosa e Paracatu. Muito embora fosse ainda muito “verde”, aquelas igrejas me receberam bem e me trataram acima do que eu merecia. Tudo aquilo era muito inusitado para mim, que até então vivera um mundo pequeno e mesquinho. Mas fazia parte da escola da vida e determinaria meu futuro como obreiro de Cristo.

Em minha classe havia um aluno chamado Benedito Meneses, esse homem viera das bandas do Rio de Janeiro. Estava ali como uma tentativa de ser transformado num homem de Deus. Fora grande celerado, chefe de gangue, preso muitas vezes, abraçara o evangelho não sabemos como, pois não conhecemos sua história. No peito esquerdo faltava-lhe uma costela, arrancada por uma facada de inimigo, isso dentro da própria cadeia. Eu sentia que ele tinha muita vontade de superar o passado. Aproximei-me dele e fizemos uma forte amizade. Ele, porém, criava problema com todos os alunos. Todos tinham medo dele e o evitavam. Quando furioso, víamos em sua face um lampejo de fúria só contida pelo temor de Deus que então cultivava. Certa vez, Rev. Woodson pediu minha opinião sobre o Benedito, porquanto eu era o presidente da classe. “Valter, tenciono mandar embora o Benedito, pois tenho medo que esse homem crie um caso muito grave para esta instituição. Quero sua opinião.” Lembro-me como se fosse hoje da resposta que, ingênua porém sinceramente, lhe dei acerca do amado colega. Rev. Jame, para onde esse homem irá fora os “muros” do IBEL? Ele ficará sem qualquer proteção espiritual. Faça com ele o que o senhor fez comigo. Vamos agüentar um pouco mais para o bem dele.

O fato é que o Benedito não foi despachado do IBEL. Eu era então o livreiro. Houve um contratempo com a conta do Benedito. Não me lembro mais se a causa estava em mim ou nele; já faz muito tempo. Aconteceu de batermos boca e ele partiu para cima de mim. Quando me deparei com aquele enorme muro de carne vindo para cima de mim, e eu

franzino e sem traquejo, vi meu barco furado. Sucedeu de o Rev. Woodson estar por perto e interveio em tempo. Pondo-se entre nós, gritou que ele não fizesse nada contra mim. Por sua vez ele gritou que eu era o protegido do Rev. Woodson. Então este lhe contou o que até então não sabia: que ele estava ainda no IBEL porque eu havia intercedido por sua permanência. Ao ouvir isso, ele empalideceu, recuou e foi para seu quarto. Fui após ele. Ao entrar em seu quarto, porquanto vivia sozinho, pois ninguém se aventurava a morar com ele, o encontrei em pranto. Ao entrar, me abraçou, dizendo que se sentia um miserável, pois tinha em mim um amigo e não levou isso em conta. “Valter, eu sou um homem desgraçado!” Juntos choramos abraçados. Então ele orou aos gritos que Deus o perdoasse e que usasse de misericórdia (pois a palavra literal foi essa) para com ele, pois não passava de um grande crápula.

Benedito deu tanto trabalho à direção daquela escola, que a cadeira em que se assentava diante do diretor passou a chamar-se “Benedita”. Dizem que até hoje aquela cadeira conserva a memorável alcunha. Por certo que hoje ninguém ali conhece a história original da “Benedita”, porém é uma história bem minha, porquanto me assentei também várias vezes ali e vivi bem junto do próprio Benedito que lhe emprestou o nome. O doloroso fato é que Benedito não deu certo nos campos das igrejas que tentaram ajudá-lo. Por fim, deixou tudo e veio morar em Goiânia e se meteu de novo na vida criminoso e morreu nas ruas da capital goiana, assassinado por um anônimo, cujo crime nunca foi solucionado. Guardo em meus arquivos o jornal noticioso até hoje. Cada vez que o releio, vêm-me sombras dolorosas, pois de tal modo conheci o Benedito que, se alguém me perguntar hoje se creio que ele era um eleito de Deus, minha resposta é positiva, a despeito do doloroso desfecho que ele teve. Profunda lição me ficou dos efeitos profundos e misteriosos da graça que salva o pecador mais vicioso, como no caso do bandido do Calvário. Se a graça é infinita, então ela cobre qualquer pecado finito. Se Lucas não completasse a história resumida por Mateus, acerca daqueles dois bandidos, quem diria que um deles foi naquele mesmo dia morar com Jesus, se no céu não entra bandido? Minha visão da graça salvadora em Cristo é tão profunda, que jamais saberia expressar verbalmente o que penso. Mais ainda, se essa graça em Cristo salvou a mim, que ainda sou um grande pecador, a quem ela não salvaria? Se ela mudou repentinamente aquele bandido no estertor da morte, certamente que poderá ter salvado ao Benedito. Se o bandido se arrependeu no momento final de sua vida, por que o Benedito não poderia ter se arrependido na exata passagem desta vida para a outra, gritando: “Tem piedade de mim, ó Deus!”? De modo absoluto, não sabemos; somente Ele sabe!

Ciente de minha grande carência de cultura, de experiência, de traquejo para o ministério, isso me proporcionou o intenso desejo de adquirir, ali, o máximo de conhecimento e de experiência. Enquanto todos espareciam nos intervalos, eu me aferrava aos livros e às lições de classe. Até hoje os velhos colegas de IBEL, quando me encontram, se lembram desse cenário. Sempre tive a língua presa e uma péssima dicção. Naquele tempo, então, era muito pior. A professora Loyde Emerik ocupava a cadeira de português, e lutou muito comigo para corrigir diversos vícios de linguagem. “Valter, o pregador não pode falar assim!” Eu nasci assim, professora, e vou morrer assim. “Não é verdade. Todos nós corrigimos os defeitos de nascença.” De fato, aqueles insistentes conselhos da Prof^a Loyde deram resultado: consegui corrigir muitas coisas. Quando preguei meu sermão de prova – chamar aquilo um “sermão” é mera hipérbole –, Rev. Saulo de Castro Ferreira era

o professor de homilética. Durante a crítica, ele me afirmou com todas as letras: “Valter, vou lhe dar cem anos para você aprender a pregar, e sinceramente sinto que nem assim vai conseguir tal proeza.” E ele estava certíssimo, porque nunca aprendi a arte da oratória. Procurei sublimar essa carência com outros recursos. Anos depois, tive o grande privilégio de tê-lo como companheiro de concílio. Um dos homens mais nobres, piedosos e extraordinários que conheci. Mas aprendi que não devemos nos dirigir às pessoas em prova em termos tão escabrosos. Se possível, façamos menção de alguma vantagem que elas têm.

Um desses meus recursos foi a música. Aprendi os rudimentos da arte para empregar nas igrejas. Formamos ali um quarteto masculino, com Albertino, como regente, Edvar, Wilson Balisa e eu. Chegamos a viajar para ali e para lá cantando nas igrejas. Havia muito entusiasmo e sonhos para quando saíssemos dali. Aferrei-me de tal modo a esta arte que, no final, o diretor, Rev. Jame Woodson, me revelou que do dinheiro da bolsa havia sobrado certa quantia. Quando chegasse no campo, o missionário me passaria às mãos aquele dinheiro para a compra de um instrumento. Assim se deu, pois o primeiro missionário com quem trabalhei, Rev. Robert Litton, recebeu aquele dinheiro, trouxe de São Paulo um catálogo de Harmônios de fole e disse que eu escolhesse o tamanho que quisesse. Escolhi o do meio, um lindo instrumento, porém o preço era bem superior à quantia em pauta. Ele mesmo completou aquele dinheiro e comprou o número de que gostei, providenciou o transporte e deixou o instrumento dentro de minha casa. Que som lindo! Eu fiquei como se sonhasse! Agora podia dedicar parte de meu tempo e desenvolver meu dom para música, o que me valeu a alcunha de “evangelista cantor”. Naquele tempo, a IPB usava o hinário emprestado dos metodistas, Hinário Evangélico. Aprendi a tocar e a cantar todos os 500 hinos.

Muito depois, já pastor, no campo de Paraíso do Tocantins, tínhamos um vizinho ateu confesso, senhor Rondon, que se assentava todas as tardes à porta de sua casa, enquanto todas as tardes eu também me punha ao harmônio, tocava e cantava a peito aberto os grandes hinos. Certo tarde ele acenou para que eu me achegasse à porta de sua casa, onde jazia assentado. Então me perguntou: “Pastor, você sabe por que todas as tardes eu me assento aqui?” Claro que sei, senhor Rondon; é para refrescar-se do intenso calor. “Errado”, disse ele. “Eu me assento aqui fora para ouvi-lo cantar! Você deve ser parente de canarinho.” Sem dúvida, era exagero dele. O que teria o senhor Rondon aproveitado daquelas cantorias? Só Ele sabe!

De fato, eu sempre cantava não só com o peito e a boca, mas com o coração e com a alma. Hoje eu só recordo de tudo aquilo, porque já não canto com a boca, e sim só com a alma! Tudo passa e os impulsos da vida vão se escasseando e desabando, de repente, o que mais gostávamos de fazer, deixamos de lado. Só vai ficando um rastro de dolorosas reminiscências. O vigor da vida murcha e o sofrimento forma calosidade, e tudo vai ficando tão longe, que só resta o distante eco de uma vida que não volta mais. Olhamos para o horizonte distante e só vemos sombras já indistintas, e o que recordamos não passa de retalhos desconexos. Muitos daqueles com quem tivemos convivência já partiram, e a nova geração nem sequer se esforça para conhecer a história de sua comunidade cristã. Se no culto há algum idoso ou idosa, já não recebe nenhuma atenção; já não canta; já não é olhado; já não é ouvido; emudece e jaz no esquecimento, enquanto toda a juventude canta para a glória de Deus! Aos setenta anos, muita água já passou por debaixo da ponte! O

vigor juvenil se foi em boa medida e ninguém se detém para nos ouvir. Ali está apenas um velho, uma velha, não um arsenal de história e experiência. Ninguém pára a fim de indagar de um idoso ou idosa qual o hino que mais gostava de cantar. Seria esse o louvor que o Senhor do universo espera que lhe entoemos?

Primeiro campo

No final de 1963, recebia meu diploma de evangelista leigo e volvia as costas para aquela casa que veio a ser minha casa e minha família. Procurei cultivar e intensificar tudo quanto aprendera ali. No entanto, assim que parti com o convite da Missão para assumir um campo de trabalho, tive a nítida noção de que ainda não estava pronto para tal empresa. Isso me valeu muito, pois me forçou ao cultivo da humildade (virtude que andava e ainda anda longe de mim!) e do estudo sem trégua. Levou-me a programar a vida cotidiana, quer pessoal, quer familiar, quer ministerial. Levantava-me de manhã e lia a Bíblia durante horas, sublinhando textos; lia outros livros; vi-me forçado a comprar livros e mais livros, pois o que possuía era quase nada. Devorava tudo o que vinha a minhas mãos. Dava o maior valor a um livrinho. Procurava preparar-me bem, fosse para o sermão, fosse para o estudo. Com isso li e estudei muitos livros importantes; lia minha Bíblia até consumi-la, dezenas de vezes, e então comprava outra. Não me detive somente numa versão. Fui adquirindo diversas versões da Bíblia, inclusive as católicas. À tarde saía a dar assistência “pastoral” ao rebanho e interessados no evangelho. Para isso, estudei livros sobre “como ganhar almas para Cristo”. Preparei vasto acervo de estudos bíblicos. Adquiriti um grande traquejo no manuseio prático da Bíblia e na citação de textos de memória. Costumava decorar quase tudo o que marcava nela. Sempre tive a visão de que um obreiro eficaz tinha de ser o homem mais bem preparado da comunidade. Ele representava a igreja na comunidade em que estava inserida. Ou a enobrecia, ou a denegria de vez; ela estava nele, homem de Deus, como seu profeta e mestre. Se a representasse mal, então ela sucumbia.

Meu primeiro campo missionário foi Iturama, cidadezinha do pontal mineiro, naquele tempo (janeiro de 64) era o último município do Triângulo Mineiro, divisa com o Estado de São Paulo. Fui já casado. Ainda no IBEL, ameí uma moça da mesma classe, Cremilda; bem combinados e acertados, nos casamos e fomos para esse primeiro campo. Era filha de Clarindo Fernandes Caixeta e Rosa Araújo, e irmã única de Otávio, João, Antonio e Nilson. Mais tarde Otávio e Antonio vieram a ser pastores. Trabalhei em Iturama cinco anos. Durante esse tempo, nasceram nossos primeiros 3 filhos: Sóstenes, Wânia e Simonton. Havia na congregação uma escola primária, e Cremilda era a diretora e professora, além de me acompanhar na assistência à congregação. Aquela escola rendeu muito ao nosso trabalho. Através dela muitas pessoas vieram para a igreja e eram instruídas na sã doutrina; ainda que o mestre fosse um mero novato, porém cõnscio disso. O grupo cresceu e tivemos que quebrar algumas paredes. No entanto, enfrentamos os inimigos da fé. Pode parecer incrível, mas não foram os romanistas nossos algozes, e sim os membros da Congregação Cristã do Brasil. Tudo faziam para minar nosso esforço, afastando os interessados e levando-os para si; conseguiram levar uns poucos, porém não muitos, porquanto me esmerei para confrontar as seitas com a igreja genuína. Foi aí que desenvolvi o talento de polemista. Era uma efervescência religiosa, e eu tinha que defender o rebanho dos lobos.

O primeiro missionário sob cuja égide trabalhei foi o Rev. Robert Lytton; voltaria a trabalhar com ele mais tarde em Pirapora. O segundo foi o Rev. Charles Cobb, genro do grande e velho missionário que viveu muitos anos no Brasil, chamado George Hurst, um homem que cobriu boa parte da história da Missão Presbiteriana do Brasil. E o Evangelista a quem sucedi no campo de Iturama foi um homem extraordinário, chamado Vicente Almeida, com quem nossos caminhos se cruzariam novamente bem mais tarde. Pessoalmente, foi de grande valia e um privilégio haver conhecido e convivido com o Vicente Almeida.

Naquele período, encontramos alguns crentes numa pequena cidade a uns 50 quilômetros de Iturama, chamada Carneirinho, cuja origem remontava a uma grande e famosa família da região, intitulada “os Carneiros”. A congregação nasceu dentro da casa de uma família “Carneiro”. José Carneiro, juiz de paz da comarca, homem de uma popularidade ímpar, veio para a igreja e se tornou um dos maiores elementos de nosso trabalho, pois sua esposa, Terezinha, já era membro da igreja de Iturama, e os filhos Esdras, Éder, Edson e Edna cresceram nela. Também o dentista Lourenço e esposa, Clarinda, Sr. Manoel, entre outros, foram os fundadores daquela pequena comunidade cristã. Resolvemos edificar ali um pequeno templo. O terreno foi doação de outro “Carneiro”, Sr. Marcondes; nunca aderiu à fé evangélica, porém fez constar em Seu livro, “Terra e Gente de Carneirinho”, a história da congregação presbiteriana dali. Naquele tempo se converteu um pedreiro espírita, discípulo do famoso Chico Xavier, guru espírito de Uberaba, José Inocêncio, que foi nosso construtor. E assim aquela congregação existe ali até hoje, e já gerou muitos para o reino de Deus. E tudo isso se deu em meio aos ataques da Congregação Cristã do Brasil. Por aquela seita, aquela igreja jamais teria existido ali.

Outros campos

Expirado o quinto ano no campo de Iturama, a Missão me transferiu para Pirapora, às margens do São Francisco. Ali nasceu nossa filha Eline, e ali comemos o pão que o diabo havia sovado para nós. Dois grandes e inesperados problemas nos envolveram ali: o primeiro, a Missão fazia suas transferências sem consulta prévia a seus obreiros. Sem o sabermos, ela transferia dali o evangelista a quem a igreja amava e queria, e ela, Missão, não queria, e me colocava em seu lugar, sem que ela me quisesse. Aquele obreiro e aquela igreja criam com todas as veras da alma que eu era participante no complô. Nunca conseguimos convencer que éramos inocentes. Ali encontramos um dos homens mais difíceis do mundo, e, o que é pior, era presbítero. É muito complicado tentar explicar como é possível que homens como aquele cheguem a ser presbíteros, quando mal servem para ser meros membros. Aquele homem, associado a outras pessoas de seu círculo, e que eram contra nós, nos maltratou publicamente, quase nos levando à loucura. Algum tempo passado, voltei lá só para visitar e orar com uma senhora daquele círculo que fora atingida pelo câncer. Eu tinha que fazer isso, e o fiz. Não foi fácil, mas era preciso, e foi bom!

Aquele obreiro foi embora praguejando a Missão e a família Martins. Se fôssemos culpados das acusações, e ele realmente tivesse o poder de amaldiçoar, certamente já

havíamos perecido há muito tempo, e nossas almas estariam desfrutando do mormaço mais intenso do inferno. É preferível ser odiado sem razão do que com razão; mas o ódio, seja ele justo ou não, é um dos elementos mais destrutivos e pestilentos da vida humana, particularmente da Igreja, não só para quem odeia, mas também para quem é odiado. Pior ainda quando tal ódio se aninha no coração de um arauto do evangelho da salvação eterna dada gratuitamente no sublime Nazareno, que outra coisa não sabia fazer senão perdoar. Ainda mais quando você não consegue provar sua inocência, e se cala, como se fosse de fato culpado, como reza o provérbio: “Quem se cala consente.” Talvez seja esta uma das razões por que aquela igreja, hoje, praticamente não existe. Às vezes leva tempo para o juízo divino se concretizar. Mas esse tipo de experiência muito me ajudou a jamais perseguir alguém e nem deixar o rancor aninhar no peito, porque a coisa que o ser humano mais sabe fazer, e com tanta facilidade, é interpretar mal e condenar o outro, e nutrir rancor por esse outro. Esta é uma peste das mais daninha da história humana. Por ser eu um dos homens mais mal interpretados do mundo, por isso mesmo tenho lutado para não proceder da mesma forma.

O outro grande problema na igreja de Pirapora, naquele momento, foi a morte do missionário, Robert Litton, e metade da família, em desastre aéreo. Ele voltava da América do Norte quando, na Cordilheira dos Andes, houve uma pane no avião e este caiu, só sobrando um garoto. Ele foi substituído por um brasileiro. Omito seu nome por ele haver sido um grande servo de Deus, que já havia realizado e desde então realizou uma grande obra no seio das igrejas; e o mal que nos fez ele pensava ser bem. Eu nunca soube a que ele mais se dedicava: se à Igreja de Jesus Cristo, ou à Maçonaria. Se era mui dedicado à Igreja, muito mais dedicado era à Maçonaria. Fez uso de todo seu arsenal de recursos para me “converter”. Como minha filosofia, desde que me ingressei na Igreja de Jesus Cristo, era servir a Ele só de todo o coração e nunca me envolver nas coisas deste mundo, por isso não me tornei membro do Rotary, nem do Lions, nem da Maçonaria. Sempre vi nessas entidades a promoção do bem social da comunidade; nunca as condenei, nem do púlpito e nem em particular. No entanto, sempre pensei que os filhos de Deus não precisam de tais expedientes; aliás, quase sempre são prejudicados quando tentam harmonizar tais elementos com o reino de Deus. É costumeiro que são mais fiéis à entidade profana do que à santa Igreja, e a parte mais prejudicada costuma ser esta. A igreja tem tudo para a prática do bem com mais completude, em conformidade com as normas bíblicas. Aliás, o único bem genuíno e aceitável a Deus é aquele que ele mesmo preparou de antemão para andarmos nele. A Igreja é plena; possui elementos que nenhuma outra entidade humana possui. Ela deve ser abraçada de tal modo, neste mundo, que todos encontrem nela algo a imitar. Que ela seja o único refúgio humano que promove o verdadeiro e perene bem-estar. Se uma igreja local for pior que alguma outra corporação social profana, então ela deixa de ser Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Fui pastor de muitos maçons; nunca tivemos desavença, porque os pastoreava como *minhas* ovelhas, e não como maçons. Aproveito para dizer a quem porventura ler estas linhas que não sou ignorante da história e do conteúdo da Maçonaria. Li muitos livros não simplesmente *sobre* ela; tenha uma vasta literatura produzida por ela. Eu possuo a própria fonte.

Mas o Rev. Fulano não se conformou com minhas recusas. Aproveitou uma brecha e me denunciou à Missão, porque decidí aprimorar-me um pouco mais na escola. Uma das leis da Missão era que o obreiro não podia freqüentar escola. Então ela, na pessoa de seu

presidente, me intimou e disse: “Ou você susta o estudo, ou será sustado!” Minha resposta pronta foi: Então que me sustem, pois não vou recuar-me agora. A Missão não se importa com o futuro de seus obreiros, mas eu me preocupo com o futuro meu e de minha família. E quando eu alcançar o que pretendo, não poderei dizer a vocês dois: Muito obrigado! Havia algo de mui verdadeiro nesta última expressão, mas, naquele momento, não passou de um desabafo. O fato é bem outro: quando alcancei aquilo pelo que anelava, não deixei de ser grato àquele nobre e bravo servo de Deus nem à Missão. Esta foi muito boa para comigo. Meu coração só tem boas lembranças na companhia daqueles nobres irmãos de outros rincões. Aprendi muito com eles. O lado fraco da Missão era coisa dos homens, praticada por todos em todos os países. O equívoco daquele nobre colega de ministério é bem comum em todos nós. Eu mesmo já o cometi contra alguém em formas diferentes, mesmo quando não fosse essa a intenção. Bem mais tarde, eu e ele nos encontramos numa situação bem adversa, quando eu estava no comando, e lhe mostrei que nunca deixara de o amar e respeitar, estendendo-lhe a destra de companheiro e dando-lhe campo. No momento da posse, eu disse à igreja: Eis aqui um homem valoroso que merece ser amado e respeitado. Tenho certeza de que ele fará aqui um grande trabalho. Creio que os pastores de almas deveriam agir assim uns para com os outros. Quando aquele colega faleceu, confesso que senti muito pesar. Ele fora um homem valoroso na Igreja, merece ser bem lembrado e deveria ter sido mais valorizado pelo comando supremo da Igreja. Ele tinha umas qualidades positivas que eu nunca possuí. Sei ainda que ele já abriu caminho para a glória eterna. Na grande fila, ele estava à minha frente.

A despeito de tudo, posso dizer que, se houve um propósito definido em minha curta permanência em Pirapora, e certamente houve, quatro pessoas ali fizeram parte desse propósito: duas mulheres e três homens. Das mulheres, uma foi dona Maria de Oliveira, enfermeira, prima de meu futuro tutor eclesiástico, Rev. Divino José de Oliveira, justamente a esposa do famigerado presbítero que quase transtornou de vez nossa vida ali. Como enfermeira e amiga, ela nos foi uma grande bênção no hospital. A outra, também enfermeira, naquele tempo jovem solteira, de grande coração e de vida cristã a toda prova, cujo nome é Onan. Nunca esquecemos estas duas pessoas que nos trouxeram muito refrigério no ardente deserto, e somos sempre gratos a Deus por elas.

Dos homens, um deles foi Manoel Ferreira, de saudosa memória, um dos homens que mais influenciaram minha vida no conhecimento da Escritura. Era um genuíno mestre na exposição da Palavra de Deus; seus estudos e sermões eram marcados pela clareza, pela humildade que transmitiam, pela fidelidade expositiva do texto bíblico, pela piedade que dele emanava. Ele expunha a Bíblia mesma, e não suas opiniões particulares. Não creio que alguém tiraria algum tempo para escrever algo sobre a vida de Manoel Ferreira. Sou grato a Deus por aquela preciosa vida que me ensinou que vale a pena devotar-se plenamente ao Senhor da Igreja e ao conhecimento da santa Bíblia.

O outro foi o Osvaldo, jovem recém-convertido, o qual se irmanou conosco e teve em nós um forte arrimo para seu futuro na igreja e em Cristo. Ele nunca se desviou da santa vereda de Cristo, até hoje. Mora em Goiânia e de vez em quando nos encontramos para lembrar aquele tempo. Louvo a Deus pela vida do Osvaldo, que hoje tem sua família bem constituída.

O outro, de quem mais adiante falarei de modo mais completo sobre o que ele veio a significar para nós, foi Gecy Soares de Macedo. Oriundo de Pirapora, de pernas tortas, cresceu pelas ruas da cidade como um garoto da pesada. Foi achado pela dona Marta Little, que passou a cuidar dele enquanto estudava na escola da igreja. Desde então ela tentaria de todas as formas dar ao Gecy uma forma física mais propícia. Sustentou as várias cirurgias por que ele passou. Quando chegamos ali, Gecy já estava na igreja, como membro e aspirante ao IBEL. Ele relembra de fatos impressionantes que envolvem à igreja e a nós em sua ida para aquela instituição. Além de dona Marta, Gecy nos adotou também como parte de sua abençoada vida e família, e nós a ele.

Com a morte de Robert Litton, a Missão me transferiu para João Pinheiro, Minas, ficando em Pirapora só um ano e meio, e em João Pinheiro um ano e meio. Meu senso ministerial ia diminuindo paulatinamente. Se alguém me perguntasse por que estava ali, não saberia que resposta dar. E se alguém me perguntar hoje se houve ali algum fruto proveniente de meu pobre ministério, minha dificuldade em responder seria a mesma. Creio que hoje ninguém ali se lembra de nós. Um dos membros da igreja era João Batista, professor de francês na cidade, meu professor desse idioma. Havia passado pelo IBEL antes de mim e Cremilda. Sua esposa também era ibelina, Maria Pacheco, ambos bons amigos; ele, porém, foi uma pedra em meu sapato, não que assim o quisesse, mas porque era muito mais culto que eu. Não só uma vez, mas diversas, com polidez, elegância e traquejo corrigia meus equívocos na interpretação de algum texto bíblico. Outro ibelino, contemporâneo nosso, foi Amadeu Rocha, bom companheiro, tesoureiro da igreja, o qual mais de uma vez me socorreu em minhas aperturas financeiras. Sempre nutri por aquele colega profundo respeito e admiração. É difícil imaginar alguém mais reto na vida. Ele também já abriu caminho para a glória.

Goiânia

Em Goiânia trabalhava um velho missionário, Sherwood Taylor, o mesmo diante de quem professei minha fé em 59. Rev. Taylor era um homem de difícil relacionamento, muito austero, meticuloso, “pão-duro”. Não sei qual de nós dois ganhava do outro nessas “virtudes”. Mas parece que essas “virtudes” comuns nos uniram. A Missão me pôs em duas congregações: Vila Betel e Vila União, como sendo a última chance. Trabalhei aí de 72 a 74. Meu ministério nunca foi pujante e dinâmico. No entanto, nunca dividi igreja, nunca causei prejuízo a qualquer setor da igreja, nunca trabalhei contra qualquer das sociedades domésticas, nunca criei atrito com os presbíteros. Minha filosofia de trabalho era que nenhum pastor tem o direito de destruir um órgão instituído da igreja. Muitos tentam suprimir ou a SAF, ou a UPH, ou a UMP, ou algum outro órgão, dando-lhes outros nomes. Nunca deixei de dar meu apoio a cada um desses órgãos. Uma de minhas famas é que sou inimigo desses órgãos internos da igreja. Uma calúnia do tamanho do mundo. Já fui secretário presbiterial e sinodal do trabalho feminino. E em minha filosofia pastoral defendo ainda que qualquer pastor que tenta desenvolver seu programa ministerial em arrepió com o conselho, é preferível que faça suas malas e procure outro campo. Igreja nunca se divide quando pastor e conselho trabalham juntos em boa sintonia. Logo se verá que sempre pratiquei esse sistema nas igrejas por onde passei.

Foi nesse tempo que nasceu a igreja de Novo Horizonte, iniciada por um missionário da Missão, chamado Jame Reves; a Igreja União tomou parte nessa fundação. Fui o primeiro pregador, numa casa, salvo engano da memória, cujo dono e promotor do trabalho foi um presbítero de São Paulo, chamado Hélio, cuja profissão, taxista. Com um pequeno harmônio portátil, que eu ganhara da missionária Miss Frances Hesser, ali cantamos os primeiros cânticos e preguei o primeiro sermão. Nem me lembro o tema e texto do sermão. Creio que ninguém hoje sabe disso, e pode ser que a história que a igreja conheça seja outra; é bem provável que essa história tenha sido sepultada nas brumas do tempo, como sucede com tanta freqüência. O tempo gira em torno dos anos 73 e 74. O curioso é que hoje freqüento precisamente aquela igreja.

Foi nesse tempo que nasceu nosso quinto filho, Wander. O sustento de sete pessoas não é fácil com um pequeno salário. Dois amigos e membros da igreja da Vila Betel, Wilson e Eduardo, sempre nos socorriam discretamente, e também uma enfermeira, dona Berenice, irmã de um homem que logo entraria em minha história, Divino José de Oliveira. Outro grande amigo ali foi o Evangelista e Presbítero Luiz Mateus. Certo dia ele supriu miraculosamente nossa dispensa, sem nem mesmo saber que ela estava vazia. Não são somente os anjos celestiais que nos cercam, mas também “anjos” humanos, aqueles que servem ao Senhor da Igreja.

Ainda nesse tempo veio morar conosco um de meus irmãos, Marcelucio, que passou a ser membro da família até casar-se. Além de tornar-se membro da família, ele ingressou-se na igreja e veio a ser um grande estudioso da Bíblia, tornando-se um bom mestre da igreja. Casou-se com Wânia, de uma família da Igreja União, e está ali até. Tiveram três filhos: Fernando, Daniela e Lucas. Além dele, só meu pai professou a mesma fé. Além de Marcelo se tornar membro da igreja, presbítero, estudioso da Bíblia e da teologia, ele é também um de meus mais íntimos amigos. Dou mil graças ao Senhor da Igreja por ele haver inscrito também o Marcelo no Livro da Vida.

Outra encruzilhada decisiva

Foi em Goiânia que minha vida ministerial sofreu uma grande reviravolta. Minha história foi aqui dividida em duas etapas distintas. Pois certo homem chamado Divino José de Oliveira, pastor e advogado, me descobriu, florescendo daí uma rica e confiante amizade. Era um homem muito influente: um dos primeiros alunos na história do grande IBEL, pastor por muitos anos, prefeito da antiga capital goiana, muito conhecido em Goiânia nas lides políticas, grande vulto nas igrejas goianas. Certo dia me visitou e quis conhecer meu gabinete “pastoral”. Ficou em silêncio por vários minutos, olhando os livros demoradamente. “Fantástico!”, disse por fim. “Poucos pastores possuem uma biblioteca tão rica. Você quer ser ordenado ministro do evangelho, Valter? Se quiser, vou providenciar.” Eu disse que, como estava, não queria. Como evangelista, me saía mais ou menos; como pastor, é preciso muito mais. Não muito depois, recebi um convite da CE do Presbitério de Goiânia para apresentar-me no caráter de visitante. Queriam me conhecer melhor e me ouvir.

Era meado de 74. Não me lembro de todos os membros, mas já conhecia o Rev. Divino, o Presb. José Costa, o Rev. Álvaro Almeida Campos, o Rev. Jairo Gomes. Ali fui interrogado sobre o desejo de ser pastor. Respondi de novo que não podia aceitar tal incumbência antes de ir ao seminário, dizendo que fizera o IBEL e que minha cultura era muito deficitária para tanto. De fato não passava por minha mente que estivesse preparado para tal responsabilidade. Eu via o pastor como a pessoa mais importante, mais versada, mais visada da sociedade humana. Não era o prefeito, nem o médico, nem o professor, nem o delegado, e sim o *pastor* que predomina em todos os setores da comunidade. Eu ainda não possuía os requisitos necessários para tanto. Nada os demoveu da idéia de me fazerem pastor. Fui recebido como candidato e me deram a incumbência de elaborar uma *tese* (designação que naquela época se dava a uma monografia), a *exegese* de um texto bíblico e um *curriculum vitae*. Também já constituíram o Rev. Divino como meu tutor eclesiástico. Meu mundo virou de ponta cabeça. Sobreveio-me profunda ansiedade. Recebendo um prazo limitado para tanto, fui dispensado dos trabalhos das igrejas, por um período, para elaborar esses trabalhos. Alan Mullins era então o diretor do Acampamento Boa Esperança, e me ofereceu suas dependências para ali isolar-me.

Escolhi da Confissão de Fé por tema de minha *tese* O JUÍZO FINAL. Se porventura alguém ler este relato, certamente me qualificará, e com razão, de “sem juízo”. Como alguém de tão pouco preparo podia dar-se ao luxo de desenvolver uma tese sobre tal assunto? Eu tinha bastante material para isso, e a incumbência me forçou a empregar toda minha capacidade e conhecimento nisso. Nesse tempo já não conseguia seguir lado a lado com os conceitos escatológicos vigentes, porquanto havia desenvolvido o hábito de questionar à luz da Bíblia e dos conceitos presbiterianos qualquer tema teológico. O conceito que predominava eram vários tipos de premilenismo, e já percebera que a teologia calvinista não comportava os conceitos quiliásticos. Logicamente, minha tese ignorou qualquer tipo de premilenismo. Foi uma tarefa muito difícil, pois não contava com nenhum mentor teológico; fiz tudo com o auxílio dos livros e de minhas próprias meninges. Mas creio que consegui o intento, visto que eu mesmo cheguei a gostar do resultado, quando dificilmente gosto do que faço.

Quanto à *exegese*, é evidente que não poderia usar os recursos acadêmicos, porquanto pouca noção tinha do hebraico ou do grego. Escolhi para isso Hebreus 1, texto que sempre me atraía a atenção e me causara forte impacto por sua beleza e grandeza. Eu queria discorrer sobre a Deidade de Jesus Cristo, Aquele a quem amo e sirvo, Aquele que teria que engrandecer na função de pastor. As duas experiências foram profundas para minha modesta pessoa.

As duas obras estavam prontas; mas, como elaborar um currículo sem vivência escolar e sem diplomas? Aproveito para dar conta de minha cultura (ou, melhor, minha falta de cultura!) naquela época. Na infância, estudei em escolas rurais, o equivalente ao primeiro grau. Mais tarde fiz o supletivo do segundo grau. Passei em todas as matérias, menos em matemática. Por isso, não recebi o diploma. Nunca pude fazer um curso acadêmico, por mais que fosse essa minha aspiração. Não deixei de explicar isso ao Presbitério de Goiânia. Nunca escondi isso, nem vejo razão plausível para ocultá-lo. Sentia-me pesaroso, porém não envergonhado. O que fazer, então? Assim, decidi contar minha modesta história,

documentando o quanto podia os transe de minha vida pelas vias tortuosas. Deu uma apostila razoável.

Ainda faltava o último trabalho: o sermão de prova que seria enunciado ao Presbitério reunido em sua Reunião Ordinária no final de 1974, nos recintos da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia. O texto escolhido com muito critério foi Colossenses 1.27: CRISTO, A ESPERANÇA DA GLÓRIA. Outra loucura! Durante a avaliação, um dos pastores me aconselhou que nunca pregasse aquele sermão em qualquer igreja. Obedeci sem nunca procurar saber por quê. Nunca soube se o sermão foi erudito ou teológico demais, ou se foi confuso (o que é mais plausível!), ou se foi herético (o que dificilmente teria se dado, visto que nunca endosse qualquer heresia). Ele não disse e eu não perguntei. O fato é que o sermão desapareceu e nunca mais preguei naquele texto. Não me lembro nem do esquema nem do conteúdo do sermão, e nem com precisão que pastor dera tal conselho.

Aprovado, o concílio descobriu que eu não podia ser ordenado sem passar pela Comissão Especial de Seminário da IPB. Minha ordenação foi sustada e adiada, e fui encaminhado à Reunião da CE do Supremo em Brasília. Uma pessoa que esteve sempre comigo de modo carinhoso e solícito foi o Presb. José Costa, e vale dizer que nunca havíamos tido qualquer afinidade prévia. Era então tesoureiro do Supremo, e fez questão que eu fosse a Brasília em sua companhia. “Deixe tudo comigo. Vou falar diretamente com Rev. Boanerges sobre você.” Este se deparou comigo pelos corredores do prédio e me disse com voz de trovão: “Já me falaram de você, e falaram bem; fique tranqüilo que tudo vai dar certo.” Aquele vozeirão me deixou ainda mais tímido. Muitos anos depois, lhe referi aquele momento, e então se calou por alguns segundos, e em seguida falou de modo pausado e com voz embargada: “Tempo bom aquele!”

Chegou então meu momento de enfrentar tal Comissão. Havia uma mesa enorme, circundada por figuras eminentes e imponentes – a nata da IPB. O presidente era o Coronel Renato Guimarães. Havia até General (Jardim). Eu parecia Davi diante de Golias, com a diferença que me faltava sua coragem, não tinha funda nas mãos, nem pedrinhas do ribeiro, nem espada emprestada, e diante de mim não estava um Golias, e sim grandes homens de Deus. Só tinha minha visão celestial da Providência. Minha surpresa se converteu em espanto, quando o presidente falou aos companheiros que lera meus escritos (pois tinha leitura dinâmica), e me perguntou onde encontrara tantos livros para bibliografia tão rica. “Emprestados?” Não! Todos pertencem à minha modesta biblioteca! “Como conseguiu isso? Pelo que sei, você é um obreiro sertanejo.” Respondi: Quase deixando de comer. Ele fez menção de meu currículo: “Nunca li nada igual!” De novo respondi: Tenho certeza de que jamais lerá algo igual! Ele se interrompeu e chorou, e manteve um minuto de silêncio, dizendo depois, com voz embargada: “Há muita coisa aí que se parece com minha história.” Não conseguia continuar. E a reunião quase acabou aí. O Coronel declarou aos componentes da mesa que estava profundamente impressionado com tudo aquilo. Houve naquela mesa profundo e emocionado silêncio. Lembro-me de que o Rev. Osvaldo Rack me dirigiu perguntas de cunho teológico, torcendo de propósito, para me provar, um dos pontos do Tulip, o que corrigi de modo franco e simples, dizendo que meu modo de ver o assunto tinha o seguinte reparo, e o expus como cria. Estava aprovado com aplausos.

Ordenação e prospecto

Chegou a ocasião da ordenação. Betel e União solicitaram do Presbitério que a ordenação fosse no templo da Igreja União, que era o maior. E já de antemão a Missão solicitou do Presbitério que, assim que eu fosse ordenado, este me emprestasse a ela para preparar a congregação de Paraíso do Norte (hoje Paraíso do Tocantins) para a organização eclesiástica. Estipulou o tempo de três anos para o empréstimo. Aquela mesma Missão que se agastara com minha pessoa e trabalho, dando ouvidos a um homem equivocado, agora quer minha pessoa e meu trabalho, com todo apreço e empenho. O Presbitério concordou, me ordenando no templo da Igreja União e me cedendo à Missão Presbiteriana no Brasil.

De repente, meu status e minha trajetória se reverteram, vendo-me assim investido de autoridade e de mais autonomia. Recebi minha Carteira de Ministro, preenchida e assinada por um dos vultos mais proeminentes da IPB, que sempre fora alvo de meu mais profundo respeito, e que mais tarde se tornaria meu amigo íntimo, Rev. Álvaro Almeida Campos, no mesmo dia da ordenação, 09 de fevereiro de 1975. A despeito do júbilo de poder doravante exercer o ministério completo, nunca deixei que a vaidade subisse a minha cabeça e me tornasse arrogante e presunçoso. Ao longo de minha vida, cunharam minha pessoa de “arrogante”. Desenvolvi o senso de autocrítica, e nunca escondi meus defeitos, porém nunca consegui ver-me como “arrogante”. O dicionário diz que o “arrogante” é soberbo, atrevido, presunçoso, insolente, altaneiro, que menospreza os demais e não admite estar errado. Se me chamarem de franco, às vezes até rude, concordo. Há poucos dias me visitou um colega de ministério, já conhecido, porém nunca havíamos estado frente a frente. Logo me foi falando: “Estou aqui por conselho do Rev. Sérgio, para ver se realmente você é um homem arrogante, como fui informado. O Rev. Sérgio me garantiu que minha experiência seria outra.” Tem sido difícil acostumar-me com essas coisas. O arrogante não se reconhece como miserável, e eu me reconheço como o pior dos homens.

Sempre contei o tempo de ministério leigo como sendo um legítimo ministério. Quando alguém me pergunta quanto tempo tenho de ministério pastoral, respondo que ele começou em janeiro de 64, muito embora não pudesse, nesse tempo, ministrar os sacramentos e outros deveres do pastorado. Trabalhei 5 anos em Iturama, 3 anos em Pirapora e João Pinheiro e 3 anos em Goiânia, somando 11 anos de ministério leigo. Durante esse tempo, estive à frente de igrejas, ajudei a fundar congregações, preguei centenas de sermões em cidades, vilas, fazendas e em lugares quase inacessíveis, celebrei dezenas e mais dezenas de cerimônias (casamento, ofício fúnebre e outros eventos), atendi a diversos convites para conferências em igrejas pequenas e grandes, sempre com a fama de “evangelista cantor”.

Naquele tempo, em Paraíso pastoreava meu pai na fé, Rev. Francisco Maia. No mesmo mês, fevereiro, eu e família chegamos em Paraíso de mudança. Paramos no alto, de onde se tem uma vista exuberante da cidade, então, em meu coração, orei para que o Senhor da Igreja me desse a bênção de pastorear não só a igreja, mas também a cidade. E foi isso que aconteceu. Ficamos ali três anos, durante os quais eu e minha esposa Cremilda, entre cooperação e perseguição, exercemos um grande ministério, na área eclesiástica e na área educacional, pois aquela igreja possui até hoje uma grande escola contígua ao templo; hoje

ocupa um quarteirão todo. Tanto é que, no final, a prefeitura me conferiu o título e diploma de “cidadão paraisense”. Eu havia composto um cântico para ser entoado durante as festividades de aniversário da cidade, e no final a prefeitura solicitou cessão dos direitos sobre esse cântico para que fosse o hino oficial do município. Isso porque toda a liderança da cidade me fez diretor daquelas festividades. Eu e minha esposa nos tornamos figuras proeminentes em Paraíso do Tocantins até hoje. Fazemos parte de sua história.

Isso se deveu à vida consagrada de vários servos de Cristo antes de nós, estrangeiros e brasileiros. Certo dia Rev. Silas Ramos me contou que ele fora o primeiro a percorrer aquelas paragens. Sem me lembrar de todos, talvez os que mais marcaram aquela igreja e escola tenham sido o Rev. José Siqueira e a Profª. Rute Siqueira. Ambos são ainda lembrados e intitulados de Professor e Professora. Então experimentei que a melhor coisa que possa acontecer na vida de um servo de Deus é substituir pessoas que só deixam um rastro fulgurante de vida e testemunho no serviço prestado a uma comunidade, no santo nome de Jesus Cristo. A maior parte de minhas substituições foi assim: meus antecessores viveram uma vida de testemunho sólido e indisputável. Quanto a mim, não posso dizer o mesmo. Creio que deixei para trás, para meus sucessores, motivo de tristeza e queixa. Quando faço uma retrospectiva, vejo meu caminho entulhado de falhas que foram encobertas pela infinita graça do Senhor da Igreja e o perdão das pessoas ofendidas.

Rev. Francisco Maia havia iniciado uma congregação na cidade de Miranorte, mais ao norte de Paraíso. Dei continuidade àquele bom trabalho que resultou numa igreja ativa. Sr. Francisco Mendes, farmacêutico, e sua bondosa esposa, dona Maria, eram meus anfitriões. Sr. Francisco me passou um raro exemplo de reverência prestada aos ministros do evangelho. Eu sentia que ele estava sempre emocionado em me hospedar debaixo de seu teto. Sua polidez era singular. Nunca mais encontrei um exemplo igual. Da mesma forma, demos continuidade aos trabalhos de Nova Rosalândia, construindo um templo junto ao prédio escolar, que já existia. Assim, ali funcionava escola e igreja.

Havia também um morador de Miracema, médico e crente, Dr. Franklin Sayão, com uma família numerosa, os quais saíam de lá para congregar conosco em Miranorte. Esse homem era notável por seu espírito filantrópico e missionário. Mais tarde veio a ser, de fato, missionário na Missão Caiuá, como era sua aspiração. Foi numa de minhas visitas a Miracema, a sua casa, que me deparei com um adolescente de férias, sobrinho daquele médico, que assentou-se comigo para discutir teologia. Fiquei impressionado com aquele garoto inteligente, crente, questionador, bem adiantado à sua faixa etária em questão de fé e conhecimento bíblico. Jamais iria imaginar que aquele mesmo garoto seria mais tarde o grande hebraísta já de renome, figurando em muitos livros, de nome Luiz Alberto Sayão. Mal sabia que aquele adolescente um dia seria meu mestre, porquanto sou ledor de sua literatura. É muito gratificante passar pela vida e experimentar casos assim.

Certo dia um jovem me parou à porta do templo e me dirigiu a seguinte pergunta: “Você é o pastor da igreja?” Respondi que sim. Então me falou: “Mostre-me qualquer texto em sua Bíblia que lhe direi se é verdadeiro ou falso.” Respondi-lhe de chofre: “Moço, você veio tarde, porque o diabo já tentou me convencer disso.” Quando subi ao púlpito, olhei para os presentes e vi aquele moço assentado num dos bancos. Tempos depois, voltei

àquela igreja e o encontrei arrolado em seu rol de membros. Se você tentar explicar fatos desse gênero, descobrirá que eles não têm explicação racional ou natural.

O missionário da Missão que correspondia comigo em Paraíso era o grande homem de Deus chamado Robert Camenish. Homem admirável, justo, bom, diligente, porém irascível ou, como se costuma dizer, “estopim curto” (me qualifico nessa categoria!). Tive uma grande experiência no convívio com esse homem franco e sincero. Certa vez tivemos um contratempo forte, em razão de algo cuja história ele pouco conhecia. Quando tomou pé da real situação, ele me abraçou e, chorando, pediu meu perdão. Esse tipo de coisa é muito difícil de se fazer. Então vim a conhecer mais uma virtude daquele admirável homem: a humildade. Esta virtude é que contrabalança e tempera aqueles que sofrem de suscetibilidade, como é meu caso.

Na verdade gostaria muito, neste ponto, falar de todos os homens e mulheres da igreja que não só conheci, mas com quem tive larga experiência. São tantos, que a tentativa seria abortiva, e correria o grande risco de cometer omissão, o que às vezes é pior que ignorar a todos. Até porque eu cultivei profundo afeto pelos colegas de ministérios, e seria injusto dizer que não houve da parte deles qualquer contribuição em minhas lides pastorais. Mesmo assim, disponho-me a correr esse risco, vasculhando minha memória. Minha convivência mais próxima foi com estes grandes pastores: Joaquim e José Cabral; José Siqueira, já mencionado; Silas Ramos; Jurandir Meneses; Waldemar Rose; José Gonçalves; Edson Souza e seu irmão Ostílio; Anésio Martins; Amadeu Rocha; Gidelson Firmo; Antil de Moura; Vicente Almeida, ordenado sob minha tutela; Crisogno Coelho; Antonio Olímpio; Saulo de Castro Ferreira; Wilco Antonio; Carlito Silva; Cláudio César; Celso Soares; Adolfo Potenciano; Ethelbert Gartrel; Robert Camenish; Jame Reves; Carlos Cobb; Jorge Hurst; Luiz do Lago; Adão Bontempo; Manoel Marçal; Davi Bastos; Crispim Pires; Osmar Dias; Davi Rosa; meus cunhados, Antonio Caixeta e Otávio Caixeta. Juntamente com esses denodados obreiros estão suas esposas, verdadeiras guerreiras e heroínas; por falta de espaço, deixo de citar seus nomes, porém estão em nossa mente de maneira indelével. Muitos dos homens e mulheres já partiram para a glória. Muitos ainda estão nas lides do reino de nosso Senhor. De muitos omito os nomes de propósito, porquanto abandonaram sua primeira vocação e abraçaram uma vocação equivocada, em detrimento da religião genuína, a qual não tiveram competência para conhecer e manter. Muitos jazem envelhecidos e encostados em algum canto sem que nem mesmo sejam lembrados. O mundo costuma lembrar-se de seus heróis; a Igreja de nosso Senhor costuma esquecer aqueles que a têm servido com plena dedicação de suas vidas. É muito doloroso pensar assim e o afirmar, porém é inevitável!

Um homem em particular que me deixou marcas profundas e indeláveis foi o Rev. Dr. Joseph Martin, para nós, brasileiros, o mui querido José Martins. Ele foi quem me deu assistência no COSE (Curso de Seminário por Extensão). Em nossos encontros, eu pude beber daquela fonte imensurável de conhecimento, e um bom conhecimento, pois ele sempre foi um homem de convicções fiéis à fé reformada. Até hoje mantemos correspondência. Sua personalidade entranhou-se na minha, de modo que grande medida do que sou devo àquele homem extraordinário.

Foi nesse tempo que o presbitério de Goiânia se desdobrou, formando o Presbitério de Anápolis (PANA). Fiquei vinculado ao novo Presbitério, e passei para sua história como um de seus fundadores. Não me lembro bem, mas creio que fui um de seus secretários, portanto participante de sua organização. Mais adiante veremos que minha história em desdobramento de Presbitérios não parou aqui, pois no futuro eu faria parte da organização do Presbitério de Ceres, do qual seria secretário executivo e presidente.

Igreja de Ceres

Rev. Sebastião Tillman era um venerando pastor de larga experiência nos campos do Senhor. Suas experiências, se contadas, dariam um bom livro. Muito antes de o conhecer, ouvi histórias estupendas a respeito dele mesmo e de seu ministério. Literalmente, o havia conhecido numa das reuniões da Missão no Acampamento Boa Esperança, Goiânia. De imediato me impressionou seu modo pausado de falar. Havia reverência e nobreza em seu porte e modos. Naquele tempo ele era pastor em Ceres, a maior igreja do interior de Goiás. Esta cidade fora também o centro missionário de uma vasta região goiana, e ali instituíram uma escola para os filhos de missionários evangélicos, a Escola Bandeirante. A Missão, juntamente com a igreja local, edificaram ali um dos templos mais belos não só da cidade, mas também do Brasil. O povo fala daquela igreja como sendo a catedral não só da cidade, mas também da região. Diversas vezes assisti transeuntes se persignando diante daquele templo. Dali se irradiou poderosamente a mensagem de vida eterna. A igreja em si é ainda muito boa. Havia passado por ali grandes missionários norte-americanos, como Ricardo Taylor, Roberto Camenish; pastores brasileiros como Ângelo Scarel, Amador Meneses e, agora, lá estava o grande e piedoso Sebastião Tillman. Enquanto pastoreava Ceres, o Rev. Ricardo Taylor ficou doente e foi hospitalizado ali. Então sua esposa, dona Elizabete, me disse: “Vá visitar o Ricardo no hospital, mas não esqueça o óleo santo, pois nós cremos nele.” Nem precisaria registrar que não fiz aquela visita, pois nunca pus minha confiança nas coisas criadas, mas tão-somente no Criador das coisas. É triste que pessoas, depois de servirem bem, caem nessas esparrelas da superstição.

Chegando seu tempo de jubilação, Rev. Tillman resolveu voltar para sua terra, Araguari, e o conselho da igreja solicitou dele uma indicação para o substituir no pastorado. Era meado de 77, quando recebi daquele conselho convite para pregar ali e ser confrontado sobre minhas convicções e procedimentos. A carta-convite estava assinada pelo venerando pastor. Aceitei o convite e lá estive num fim-de-semana. Preguei, lecionei, ouvi o conselho e falei com ele, e acertamos minha ida para lá a partir de 78. Nesse ínterim, indaguei de Rev. Tillman: Rev., o senhor não me conhece, o que o faz assumir tal risco? Sua resposta foi: “É engano seu; eu o conheço muito bem, e no momento não vejo outro mais bem indicado para este delicado pastorado. Eu creio que você pode fazer isso.” Uma opinião como esta injeta no pastor o profundo senso de que não pode fracassar. E ali fiquei 8 anos, de 78 a 85. Teria que escrever um livro para descrever meu ministério ali. Além de pastorear uma grande igreja local, dei assistência pastoral a diversas outras igrejas da região na vacância de pastor: Formoso, Nova Glória, Rubiataba, Rialma, Minaçu e suas vastas regiões. Se porventura alguém ler estes alinhavos, não pense que fiz tudo muito certinho. O Senhor da Igreja sempre aceitou meu modesto ministério com base em sua

mercê, e não na perfeição do realizador. Ao contrário, em sua graça ele teve que aperfeiçoar minha vida e ministério, não só ali, mas em todo lugar por onde passava.

Fui professor de teologia na Faculdade de Filosofia de Ceres por cerca de sete anos. Nosso livro-texto era a própria Bíblia. Centenas de pessoas estiveram diante de mim na qualidade de mestre da Bíblia. Muitos se converteram. Tornei-me conselheiro de muitos deles. Dessa forma fiquei bem conhecido em toda aquela vasta região. Como sempre, sentia-me pastor não só da igreja, mas também de toda a cidade. Minha esposa Cremilda vivia assoberbada na área escolar. Fez ali o curso de Pedagogia e depois fez especialização em Belo Horizonte. Nossos filhos cresceram e se educaram ali. Por meu gosto, jamais deixaria aquela cidade e região. Amo Ceres até hoje. Mas o verdadeiro pastor não é dono de sua vida e obra. Chega o dia em que baixa a frente, verte lágrimas, porém tem que partir.

Em Ceres e região celebrei dezenas e mais dezenas de casamentos, a ponto de ser apelidado de “pastor casamenteiro”. Batizei dezenas e mais dezenas de criancinhas em meus braços, pois era assim que eu fazia, porquanto sempre pensei que o P de pastor é o mesmo P de pai. Aqueles pequeninos seriam objetos de minha assistência pastoral. Eu, como seu pastor, acompanharia seu crescimento e desenvolvimento. Muitos e muitos dos filhos da igreja e de fora professaram a fé comigo. Visitava periodicamente todas as famílias, especialmente os idosos. Eu era o conselheiro de crentes e descrentes. Jovens saíam dali para cursar ciências humanas e teológicas, os acompanhava e, quando voltavam de férias, eu tinha que aparar as arestas que traziam de seus estudos. Hoje há deles pastores, médicos, dentistas, professores pedagógicos, entre outras coisas. Fui tutor de muitos seminaristas que, depois, vieram a ser bons pastores, como o Rev. Edson Souza, Rev. Júlio Dourado, Rev. Antonio Olimpio, Rev. Vicente Almeida, Rev. José Bessa Macedo, os quais se encontram engajados nos labores da Seara. Tive, porém, que despachar a alguns, granjeando com isso inúmeras inimizades. Creio que há muitas pessoas, por toda parte, que jamais iriam querer rever meu rosto. No entanto, nunca me expulsaram como fizeram com João Calvino!

Havia na zona rural uma boa congregação com uma boa escola, numa região chamada Palmital. Justamente dona Marta Little, minha professora de outrora no IBEL, era a supervisor daquela escola. Ela residia em Ceres, vizinha da gente. Fosse na Escola Dominical ou no culto noturno, chegava a hora e surgiam de todos os lados crentes que deixavam suas casas para aquele santo momento. Guardo com saudade aqueles tempos de vivência com aqueles cristãos agrícolas, simples, francos, leais, responsáveis. Parece que ainda vejo as luzes despontando no crepúsculo, de todas as direções, lanternas, lampiões e até mesmo velas. Aquela igreja e escola foram sustentadas por duas mulheres fantásticas: Marly e Susete. Aquela região deve muito a essas mulheres especiais. Suas vidas dariam uma boa história.

Em Rubiataba, não distante de Ceres, há uma instituição da igreja chamada **Samar**. Aquela instituição foi por muito tempo governada por um conselho, cujo presidente era um antigo obreiro da Missão Presbiteriana no Brasil, chamado José Macedo, um dos presbíteros do conselho da igreja daquela cidade. Este gastou boa parte de sua vida lutando pela sobrevivência daquela entidade. Ali se abrigavam muitas crianças daquela vasta

região. Durante todo meu tempo em Ceres estive envolvido com aquela entidade. Nesse tempo veio um diretor de Minas, um homem que fora pastor da Assembléia de Deus e que havia renunciado aquela convicção e se tornara presbiteriano. Antonio Olimpio dos Reis dedicou seu tempo ali por diversos anos, vindo a ser recebido pelo Presbitério de Ceres como ministro presbiteriano, sob minha tutela. Creio não ser fácil de se ver a mudança que houve naquele homem, no tocante à sua convicção doutrinária. É difícil um presbiteriano tornar-se tão consciente e apto, mesmo nascendo nos arraiais de nossa denominação. Mais difícil ainda é tornar-se convicto de um pensamento que não era o seu. Rev. Antonio Olimpio é um desses raros casos. Hoje é um paladino da fé reformada, não só porque decidiu sê-lo, e sim por conhecimento de causa. Não são muitos os presbiterianos que conhecem a fé reformada como aquele homem. Fui seu tutor, e ele se lembra ainda do que eu lhe disse na época: “Se você não se tornar um presbiteriano de verdade, eu serei o primeiro a caçá-lo.”

Fui fundador mental e burocrático do Presbitério de Ceres, como seu primeiro secretário executivo, e do Acampamento Presbiteriano de Ceres, como seu primeiro presidente. Até hoje me chamam o *pai* dessas duas entidades. Anos depois recebi daquele presbitério um título honorífico pelo vasto serviço prestado à região. De vez em quando volto lá para alguma conferência. Todavia, nunca deixei de ser um homem polêmico. Nunca consegui ser uma pessoa agradável, sociável, popular; sou mais antipático do que simpático; retraio mais do que atraio. Infelizmente, nasci assim, e a má formação me trouxe muita ruína e prejuízo à personalidade. Tento ser diferente, porém não consigo. Paulo tinha *um* espinho na carne; julgo que os meus são inúmeros. Por isso, minha vida pastoral nunca foi expansiva. A despeito de tudo isso, sou muito conhecido por todo o estado de Goiás. Não significa que as igrejas me preferissem como seu pastor. Quase todas me rejeitariam, se houvesse uma eleição. Mas uma coisa é indiscutível: desfruto o respeito de quase todos, mesmo dos que não nutrem simpatia por mim. Sempre levei o trabalho da igreja muito a sério. Sempre vivi para a igreja como pastor de todos. Como já disse, levo o estigma de ser “arrogante”, porém nunca deixei de voltar atrás sempre que errava e sempre que erro, e faço isso publicamente, quando público é o erro. Uma deficiência real que, infelizmente, eu tenho é a suscetibilidade, a excentricidade e, daí, a precipitação. Isso me tem custado um alto preço. De vez em quando deixo marca funda em decorrência desse borrão em meu caráter. Essas qualidades são danosas na vida de um servo de Cristo. Com frequência lastimo possuí-las em meu ser intrínseco. Queria arrancá-las com todas as raízes, mas é como se ainda mais se aprofundassem no subsolo de meu ser! É um pesadelo do qual você quer acordar e não consegue. Você sabe que está ofendendo a Deus e às pessoas. Por isso mesmo passei a admirar nos outros aquelas qualidades das quais o Senhor da vida me privou, certamente em reparo de minhas dolorosas tendências. O que consola é que o está escrito: “para que somente o Senhor seja glorificado.”

Certa vez ofendi um membro da igreja de Ceres com meu jeito desajeitado; toda a família se pôs contra mim. E essa família, além de grande, era vital na vida daquela igreja. Depois de pensar muito e de modo isento, resolvi chegar na casa daquele homem e falar com ele. Quando me viu chegar, disse-me: “Minha família não está; volte outro dia.” Então lhe disse: Eu vim falar é com o senhor mesmo. Senti nele perplexidade. Cheguei a pensar que iria me expulsar. Passados uns segundos, me convidou a entrar e perguntou o que eu queria lhe falar. Então lhe disse que meu modo para com ele, naquela manhã dominical, foi

impróprio para um ministro do evangelho. Portanto, lhe pedia encarecidamente que me perdoasse. O impasse foi doloroso. Houve silêncio e comoção. Ficou pasmo por algum instante e então me falou: “Olha, pastor, o que você está fazendo é muito difícil de se fazer; não sei se eu o faria. É verdade que você me ofendeu profundamente, a ponto de pensar que jamais o perdoaria. Não só está perdoado, mas, se o admirava antes, doravante o admirarei mais ainda.” Ali nos abraçamos e oramos juntos. Realmente é muito difícil fazer essas coisas. Nunca tive inclinação para elas. Se a Graça não nos preceder, com certeza não as faremos. Mas creio que é assim que a igreja é abençoada. Depois que nosso Senhor foi ao Calvário eliminou de nós todo e qualquer pretexto de escape. Se ele, o Senhor, rogou que o Pai perdoasse a seus algozes, porque não sabiam o que faziam, se bem que o sabiam, o que nos sobra senão beijar o pó? Se bem que está escrito que, depois de agirmos corretamente, nos sobrevém a paz. No entanto, não quero que o irmão pense que tenho facilidade de agir bem neste assunto. Meu coração não é naturalmente tão humilde!

Editora Fiel

Naquele tempo ocorreu-me algo inusitado, fazendo o que nunca havia feito. Meu cunhado Antonio Caixeta cursava o SPS, e numa das férias levou para mim um livrinho da Editora Fiel intitulado: *Deus é Soberano*, de Arthur W. Pink. Não sei quantas vezes o li. Certo dia resolvi escrever àquela editora uma carta fazendo minha apreciação do livro. Não passou muitos dias e recebi resposta com um pedido de licença para a tradução da carta para o inglês a fim de servir de circular a muitas igrejas por lá. Isso desencadeou um resultado imprevisível. O pastor de uma das igrejas batistas de confissão reformada, Ronald Edmonds, com sua esposa brasileira, Thais, vieram ao Brasil também com o propósito de visitar-nos em Ceres. Isso sucedeu, salvo engano da memória, por volta de 83 ou 84. Passaram conosco mais ou menos uma semana. Eles queriam ter um conhecimento mais sólido de minha pessoa e trabalho. Ele enviou pelo correio muitos livros preciosos para minha biblioteca que já era bem rica. Muito ligado com o fundador da Editora Fiel, Richard Denhan, insistiu com ele que me recebesse como colaborador na preparação de seus livros. Foi quando este me convidou para passar uma semana em sua casa de campo, em Atibaia, junto do Instituto Palavra da Vida. Ele me testou de todos os modos. Falamos de muitas coisas. Convidou-me para participar da próxima Conferência Fiel, gratuitamente. Levou-me a visitar a própria editora, e me fez conhecer muitas pessoas importantes. De fato fui àquela conferência e ali conheci vultos de renome no seio do povo de Deus: o grande batista e bom intérprete, Eros Pasquini, o grande presbiteriano, Francisco Solano, e ainda outro presbiteriano que seria o elo que me ligaria à Editora Cultura Cristã, Denival Lizardo. Foi quando conheci também um estudante de teologia, também batista, Franklin Ferreira, sem nenhum de nós saber que um dia, vinte anos depois, seríamos companheiros na publicação das obras de Calvino. Com a diferença que eu não progredi muito, e ele se tornou doutor em teologia e profuso escritor.

Encruzilhada decisiva

Em meado de 85, o conselho de Ceres me fez um grande agravo que gerou em mim profunda ofensa. Talvez outro não houvesse se ofendido com aquele procedimento, mas para mim foi terrível. Faltava um ano para o final de meu terceiro mandato, de três anos

cada. Fiz um documento de renúncia irreversível e acertei com o conselho a vinda de outro pastor. O pastor escolhido foi meu próprio cunhado, Rev. Otávio Caixeta, que realizou ali um grande ministério. Fiz tudo o que me cumpria fazer para terminar bem o ano. Fechei aquele ano, afastei-me em silêncio e ninguém mais me viu, porquanto tive que permanecer em Ceres por questão de família. Estava disposto a ficar sem o sustento do que servir de estorvo à igreja local. Ainda não tinha nada de concreto com a Editora Fiel, havia até mesmo esquecido daquele breve começo; e não havia nenhuma perspectiva de novo campo. Deus costuma usar esses fatores para gerar um profundo e decisivo impacto. Ele se ofende com nossos males? É evidente que sim. Se ele está no meio temperando tudo, então não existe qualquer motivo para rancor ou retaliação. É ele que fecha uma porta para que entremos por outra. Nesse processo, ele usa pessoas de nosso relacionamento, para o bem e para o mal. Ora, se ele é o Autor, por que eu iria guardar mágoa de alguém a quem ele usou? Por que eu iria perseguir a alguém a quem ele usou para meu bem futuro? A ferida dói no momento em que é feita, mas o resultado posterior nos acalenta e nos leva a dar graças ao trono da Graça.

Mas é preciso deixar expresso e impresso meu conceito pessoal daquele conselho. Composto de homens crentes, sérios em seu ministério administrativo daquela grande igreja, querendo acertar, e não errar, se deparou com um pastor de “pavio curto”; infelizmente, chegaram o fogo perto demais, e prorrompeu a explosão. Tanto que nunca ficamos inimizados. Hoje ainda há naquela igreja e naquele conselho remanescentes daqueles grandes homens, outros já fizeram a grande viagem: Adão, Norival, Xisto(+), Marcos Argolo, Valter Dourado, Geraldo Rocha, Edward Barbosa (Divas+). Houve muito abalo de ambos os lados, porém procurei ser leal no cumprimento de meus deveres até o fim. Creio que consegui. Aliás, foi assim que sempre concebi o pastorado: enquanto está tudo bem, que o pastor fique quieto; mas, se for conveniente, é preferível rasgar, lacerar, prejudicar alguma parte, do que insistir em ficar para “o bem da igreja”, como fazem muitos, quase sempre prejudicando o todo. Nem narro essas coisas com outra intenção senão para deixar registrado como Deus usa homens e mulheres frágeis para a expansão de seu reino.

O Acampamento me cedeu uma moradia que no momento jazia desocupada dentro de seu perímetro fechado. O Presbitério, em acordo com a Igreja de Rialma, me deu esta igreja para pastorear em 86. Foi um ano sereno ali. A igreja me tratou com muito respeito e apreço. Uma igreja sofrida, e na verdade nem sentia simpatia por mim. No entanto, misteriosamente, ninguém protestou, ninguém a abandonou por minha causa, todos se mantiveram firmes até o fim. Tanto que passei a amar aquela igreja perenemente. Lembrome daquele convívio com gratidão.

Decisão inesperada

Foi nesse tempo que a Editora Fiel voltou à carga para eu trabalhar com ela na esfera literária. Então eu já era assíduo às conferências teológicas daquela editora. Fui lá e discuti o assunto com seu fundador, Dr. Richard Denhan. Mas não era ainda o tempo de parceria ali. Lá estava um homem muito amigo do presidente do Supremo Concílio, de nome Deneval Lizardo. Ficamos hospedados no mesmo quarto. Contei-lhe de meu interesse em

trabalhar na Editora Fiel. Então ele disse: “Você não irá trabalhar naquela editora. A nossa precisa de você. Vou falar com o presidente do Supremo; ele é meu amigo e não me negará um pedido desses. Vou lutar para ver você como um dos diretores da Casa Editora Presbiteriana.” Não conseguindo acertar com o Dr. Denhan, de repente fui chamado a São Paulo para avistar-me com as autoridades daquela entidade. Há muito na história do mundo e da Igreja de uma pessoa vir a ser o pivô de uma grande mudança na trajetória de um povo ou entidade. Farel é um exemplo disso na história de João Calvino e da Reforma Protestante. Deneval é outro exemplo disso na mudança não só de minha vida, mas também de minha função dentro do corpo eclesiástico para o benefício do mesmo.

Entre uma correspondência e outra, de repente minha trajetória sofreu a mais determinante de todas as guinadas. Até então, eu fora um simples pastor de igrejas locais. Minha intenção era seguir em frente sem retroceder. No entanto, nem mesmo cheguei a pressentir que aquele apego aos livros me resultaria em algo determinante. Tampouco poderia imaginar que aquele livrinho presenteado por meu cunhado, Antonio Caixeta, seria o pivô de uma vertiginosa mudança. Sentindo-me fraco e sem cultura, na verdade era visto como alguém que realmente não era, porém foi essa a idéia que prevaleceu na mente de quem me conhecia. Em Goiás, cheguei a ser apelidado de “o homem do livro”. Não tanto porque eu sentisse demasiada fome de ler, mas sobretudo porque sentia perene e profunda necessidade de aprender para o bom exercício do pastorado. Não obstante tudo isso, jamais imaginara que um dia seria produtor de livros, para nunca mais voltar atrás. Mais inusitado ainda, eu estava destinado a exercer um papel preponderante na formação da fé reformada do povo evangélico. O Senhor da Igreja me havia predestinado para algo muito grande, muito maior do que eu mesmo. Com toda franqueza e sinceridade, para tudo isso não movi sequer um dedo com o fim de alcançar o alvo. Tudo foi fluindo de modo muito natural.

Fui a São Paulo avistar-me com o presidente do Supremo Concílio e os diretores da Casa Editora Presbiteriana. Deneval foi meu cicerone. O presidente chegou a cogitar que eu fosse o Superintendente de Educação Cristã. Tudo era fabuloso demais; era como um sonho, do qual não se consegue acordar. Senti que não podia recuar, nem retroceder, a despeito do temor, para não dizer assombro. Acertamos tudo, marcamos data para a mudança, e lá fomos nós. Deixamos para trás amizades, vínculos estreitos, uma vidinha serena e segura. Sentia medo, insegurança, porém não conseguia agir de outra forma, pois tudo parecia muito forte e bem delineado para recuar. Nada fizemos sem depositar nossos planos ante o trono da Graça.

Pastorado auxiliar em Santo André

O pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Santo André me convidara para assessorá-lo, em troca a igreja me daria moradia. Era tudo muito longe. A editora fica no bairro do Cambuci. A princípio, meu transporte era ônibus, metrô, carona. Até funcionário da editora usava veículo da mesma; quanto a mim, diretor, o assunto nem mesmo foi ventilado. Aliás, nem fui tratado como diretor, e sim como mero funcionário. A diferença é que eu participava das decisões, ainda que *pro forma*. Já havia diretor-presidente, diretor-editor, cuidando o próprio presidente de toda a parte comercial. Meu título era Diretor-comercial, porém só para constar e dar respaldo às formalidades. Foi então que me deparei com a dura

realidade. Fui posto ali pela IPB, contra a vontade dos outros diretores. E eles tinham razão: eu não era conhecido de ninguém ali, não tinha qualificações, e eles mesmos tinham seus próprios candidatos. Assim descobri que tudo ali funcionava pelo impulso da política e conveniência. Por isso fui tratado como mero funcionário, de modo ríspido, às vezes com uma ponta de desdém simulado. De pronto entendi que estava ali como uma figura decorativa, porém já não podia retroceder. Perguntava ao trono da Graça: “Senhor, o que de fato está acontecendo? Qual a finalidade de eu estar aqui?” Minha firme esperança é que estes relatos não sejam confundidos com desabafo e rancor. Hoje não tenho nenhum motivo para desabafar-me contra empresa e contra pessoas. No entanto, ao registrar tudo isso (e grande parte é omitida por falta de espaço e por não ser conveniente) espero que sirva de lição a alguém, porquanto serviu a mim.

Algumas vezes me sentia como que num imenso oceano, outras vezes, como que num imenso, solitário e ardente deserto. Cremilda já não tinha seu emprego para aumentar os proventos; os filhos precisavam de escola; eu precisava de transporte; o pastor, conhecido de muitos anos, não se revelou amistoso e solidário; ditava as normas, e esperava resultado. Nunca perguntou: “Valter, como estão suas finanças?” De repente me vi trabalhando para os dois, ou, melhor, para os três, sem afinidade, sem ter neles amigos solícitos à minha sorte. Passei a ser o revisor do editor. Este passava às minhas mãos todas as revistas e livros e me ensinava, sem muito rodeio, como revisar os textos. De vez em quando devolvia tudo como estando ruim (e de fato estava!). Algumas vezes censurava de modo ríspido. Aquele ambiente novo e solitário; aquela distância a percorrer de manhã e à tarde; o ambiente da igreja totalmente novo e vago; o dinheiro escasseando: cinco filhos, a esposa e eu mesmo para comer, vestir, suprir de remédios, pagar os transportes. Nenhuma mão se estendia. Nunca me perguntavam como estava a saúde da família: nem o pastor, nem os colegas de editora.

As provações se intensificavam

Assim que cheguei, apresentei ao presidente da editora a nota de mudança, porquanto a IPB me garantira que eu seria reembolsado das despesas, que não foram pequenas. Ele, por sua vez, nem me olhou; simplesmente continuou seu trabalho, e me falou: “Moço, a IPB não apita nada aqui. Esta empresa nunca pagou mudança de ninguém; e você não será o primeiro a receber tal benefício.” Eu me vi diante de uma estátua insensível, não de um cristão, de um irmão, de um amigo solícito, de um colega de trabalho, a me dizer: “Valter, esta é uma situação nova, e tenho que fazer uma pesquisa sobre como resolver o problema.” Aquele dinheiro ia fazer muita falta. Senti-me dentro de um imenso vácuo. Começava a dar conta do imenso problema que estava para enfrentar com minha pobre família. Nem sabia como contar isso à esposa. Não relatei isso ao Supremo; ao menos naquele momento guardei-o só para mim, sem ter a mínima idéia de como proceder.

Neste espaço deixo expressa minha confiança na Providência. Minha esposa e meus filhos se anuíram a mim nesta mesma confiança, ao longo de toda nossa vida difícil. Por isso mesmo nunca forcei nenhuma circunstância para tirar algum proveito. No dizer de Paulo, “dos pecadores eu sou o principal”, porém nunca consegui fazer certas coisas que se vêem praticadas no seio da Igreja de nosso Senhor. Uma dessas coisas é o uso de manobra

em benefício próprio e de alguém de seu círculo, e em prejuízo de outrem. Eu estava ali, naquela entidade da igreja, porém Deus é minha testemunha de que não forcei nada para tal acontecer. Eu sabia, e minha esposa também, que estávamos ali pela Providência, e essa mesma Providência nos socorreria. Não passamos fome, não nos faltou os recursos necessários para o básico da vida. Mantive a serenidade e marchei adiante. Nosso socorro viria de alguma fonte e de alguma maneira.

De fato, o Senhor nos deu um casal da igreja de Santo André: Osmar e Marília eram ambos filhos de pastores, e bem sabiam o quanto os que servem a Deus sofrem na obra do Reino. Ambos se propuseram a aproximar-se de nós com sincera afeição. Iam à nossa casa, convidavam-nos a ir à sua. No primeiro natal, chegaram em nossa casa com uma grande cesta composta de tudo. De vez em quando ele punha algo em meu bolso: era dinheiro! Quando eu tinha que pregar em algum lugar distante e desconhecido, ali estavam se oferecendo e me levando sem nunca receber reembolso. Aqueles dois irmãos e amigos jamais saberão, enquanto aqui na terra, o quanto nos confortaram em tempo de grandes aflições. Enquanto os companheiros de trabalho e de vida me ignoravam e me negavam o de direito, eles iam além do direito e exerciam a misericórdia e a fraternidade. Esses são os genuínos representantes da igreja, não aqueles. Corremos um grande risco de perdermos a sensibilidade quando tudo nos corre bem, deixando de ver e sentir a situação miserável de nosso próximo. Ainda mais, o Senhor com freqüência nos deixa enfrentar o que nosso próximo enfrenta para derreter o gelo de nosso coração indiferente.

Os conflitos administrativos chegaram bem cedo, na área da igreja em Santo André. As pessoas foram se afeiçoando a nós; gostavam de ouvir o pastor caipira; a reunião semanal para estudo bíblico começou a crescer. Meus métodos de estudo agradavam às pessoas, porém causou desprazer naquele que deveria ser meu amigo. Já no meio do ano ele me despachou para uma congregação ignota e remota, com recomendação expressa e incisiva: “Você vai fazer aquela congregação crescer. No fim de 88 quero ver ali uma igreja.” Fiz um documento para aquele pastor, extensivo ao conselho, dizendo que em 88 estaria fora dali. E assim se esvaiu nosso relacionamento.

Em São Bernardo do Campo

Então soube que o pastorado da Primeira Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo ficaria vacante em 88. O grande e piedoso ministro do evangelho, Rev. Ataídes Costa, homem que sempre causou em mim profunda impressão e muito me influenciou, estava deixando aquele pastorado, e o conselho não encontrara em tempo hábil outro com o perfil adequado àquela grande e forte igreja. Liguei para o vice-presidente a fim de consultá-lo da possibilidade de eu prestar colaboração oficiosa aquele ano. Como houve demora na resposta, tornei a telefonar dizendo que estava desistindo de tal pretensão. O vice-presidente então respondeu que já estava para ligar confirmando nosso encontro com vistas a um acordo. De fato houve o encontro e acertamos que eu ajudaria a igreja durante aquele ano em troca de moradia. Para mim era suficiente. Como ninguém ali me conhecia, deixei-os livres para indagar a meu respeito. Uma casa foi alugada e nos mudamos para ali, em seguida me apresentei à igreja na qualidade de mero cooperador. No momento da posse, o vice-presidente soprou em meus ouvidos que eu dissesse à igreja que minha

presença ali seria *só* naquele ano. Esse tipo de atitude me deixa fulminado. De fato eu disse à igreja que ficaria ali *só* aquele ano, não só em razão do pedido do presbítero (e repeti verbal e enfaticamente as palavras do pedido), mas porque essa sempre foi também minha conduta. A igreja não tinha pastor efetivo, mas apenas um pastor presente ali a dar-lhe assistência pastoral. O conselho sempre me convidava a presidir suas reuniões. E assim nasceu entre nós um forte laço de amizade e confiança. Tínhamos pela frente uma longa história juntos. Amo aqueles irmãos de modo profundo e perene.

Aquela igreja foi generosa para comigo e família. Foi um ano de muita luta, porém de sucesso. Em meado do ano, era preciso prover a igreja de pastor; então o conselho me consultou se eu não gostaria de permanecer ali mais um ano. Minha resposta foi que o vice-presidente insistira que eu fizesse aquela declaração, por isso eu a manteria: não ficaria! Repeti à igreja, com todas as letras, aquela solicitação, com o cidadão presente. Entendo ser este um dos tantos borrões de meu caráter. Creio que outro, em meu lugar, teria reavaliado a situação, e por certo teria agido bem. Mas quando afirmo uma coisa, costume não voltar atrás, principalmente se houver certa relevância. Não que eu goste disso. Não uma só vez ocorreu de haver prejuízo para ambas as partes. Entre dar prejuízo e ter prejuízo, prefiro esta última alternativa. É possível que alguém denomine isto de orgulho, e é possível que realmente seja, mas este comportamento é uma de minhas marcas registradas. Quem poderia concordar com isso? Nem os filhos nem a esposa! Sem dúvida, sempre fico sozinho! Conseqüentemente, a família, de alguma forma, sempre sofreu com isso!

Pastorado em Vila Paula

Vila Paula me descobriu e queria que eu fosse seu pastor, não cooperador ou auxiliar. Aliás, a bem da verdade, foi seu pastor que ora saía, Rev. Foulton Nogueira, que me apresentou àquele conselho que nem mesmo tinha idéia que eu existisse neste mundo. Este homem e eu estaríamos juntos em outras encruzilhadas. Ele nunca soube o quanto, mas o admiro profundamente como um homem nobre e probo. Houve negociação e acerto para 89. Mudamo-nos para São Caetano. Foi um ano tão bem sucedido, que permiti à igreja fazer eleição. Nunca havia sucedido comigo, nem me lembro de saber que sucedesse assim com outro, de uma igreja votar em massa em favor de um pastor. Estava eleito para os anos 90 e 91. Mas, quando atingimos meado do ano 90, percebi que minha permanência ali seria prejudicial à igreja. O trabalho da editora era intenso e exaustivo. Reuni o conselho e apresentei minha renúncia para 91. Houve muito aborrecimento por parte do conselho e da igreja, crendo estar sendo lesada em sua confiança em minha pessoa. Mesmo assim persisti em meu propósito, e apresentei um pastor já amigo de longa data, o Rev. Ruben Castro. Esse consórcio foi tão bem-sucedido, que a igreja perdeu-me de minha retirada prematura. Sem igreja, eu e Cremilda resolvemos voltar a São Bernardo do Campo como meros visitantes, sem qualquer compromisso. Era longe, mas já tínhamos filhos ali, e a igreja já era muito amiga.

Deixo registrado ainda que os concílios pelos quais passei nunca foram amistosos comigo. Eram arredios, e eu ficava ali ocioso, porquanto nenhum me dava encargo. Somente um resolveu me nomear secretário de educação religiosa. Certa vez, no

Presbitério de São Caetano, surgiu uma carga anônima dirigindo ofensas ao concílio. Eu estava presente, quando discutiram o assunto com agastamento. Quando me deram a palavra, pronunciei minha estranheza por um cristão escrever algo sem apor sua assinatura. Minha tese fora sempre esta: ou eu escrevo e assino, ou não escrevo nada. Rev. Foulton era o presidente. Ele fora sempre alvo de minha admiração, pois o via como um homem muito inteligente e probo. Após minha declaração, eis a surpresa: ele se ergueu, e me falou assim: “Valter Martins, quero que o concílio registre minhas palavras sobre você. Eu pensava piamente que você era o autor da carta.” Foi um momento constrangedor. Então eu disse ao concílio: Isso mostra o quanto vocês me desconhecem. Sou um homem simples e de difícil relacionamento, porém não covarde. Sou sempre leal à igreja a que sirvo e ao concílio a que pertencço. Nunca escrevi algo que deixasse de assinar, pois essa atitude é imprópria até para o mundo, muito menos para os filhos de Deus. Ele me abraçou e doravante nos tornamos grandes amigos. O que aquele homem fez é digno de menção honrosa. Esse tipo de confissão é próprio das pessoas sinceras, corajosas e ilibadas. Aliás, é a única própria dos cristãos.

Dificuldades na Editora

Nesse ínterim, a vida na editora era ativa e cheia de percalços. Participava das reuniões da diretoria timidamente. Fazia aquilo que o editor me pedia. Lutei muito para não ceder ao desestímulo. Depois de muito tempo, senhor Aguinaldo, funcionário da empresa e presbítero de São Caetano, assumiu o volante de um dos veículos da empresa e então me deixava e me apanhava em casa. Houve um grande avanço. A hostilidade dos colegas se abrandara. Já havia me acostumado com o novo ambiente. Filhos e esposa já estavam mais ambientados. Conseguimos estudos nas escolas próximas. O arrocho financeiro ainda era forte. Na editora, eu já tinha minha sala onde lia, estudava, revisava e treinava tradução.

Em 86, enquanto curti a angústia da saída prematura da igreja de Ceres, e labutava na igreja de Rialma, decidi traduzir um precioso livro presenteado pelo amigo já citado, Ronald Edmonds, que fora discípulo de Martin Loyd-Jones na Capela de Westminster, ora nos Estados Unidos como pastor de uma Igreja Batista da Reforma. Ele me enviara muitos livros do grande teólogo reformado, William Hendriksen. Essa amizade e esse gesto mudariam vertiginosamente minha vida particular. Dentre os livros, encontrava-se um em especial, *Mais Que Vencedores*, estudo no livro do Apocalipse. Em meus ermos, li e muito apreciei aquele livro. Com a ajuda do casal Mullins, Alan e Ésia, amigos de longa data, residentes em Ceres e diretores do Acampamento Presbiteriano de Ceres, fui traduzindo e eles, retraduzindo. No final, o livro ficou razoável. Foi minha primeira tradução, e foi aprovado pelo editor e publicado pela Editora Cultura Cristã, uma publicação muito deficitária, livro mais tarde retraduzido com primor pelo grande ministro do evangelho e meu amigo, Rev. Wadislau Gomes.

Neste ponto tenho que fazer justiça a um homem em especial, citando-o nominalmente, o que tenho evitado até então. Rev. Sabatini Lali era um homem muito culto. Poliglota, exímio escritor, tradutor e polemista invejável e respeitado, às vezes se excedia e se deixava levar pelos amigos, prejudicando-se a si próprio; a despeito de tudo isso, era um homem bom e justo. Suguei dele o máximo que pude. Aprendi com ele muita coisa vital

para o que faço hoje. A ele devo o que me tornaria no futuro, inclusive sua influência em meu estilo. A despeito de toda a luta que travamos juntos naquela instituição, positiva e negativa, nunca deixei de nutrir afeição por ele. Depois que nos separamos de modo tumultuoso, sempre que o encontrasse lhe perguntava como estava vivendo. Certo dia ele me olhou demoradamente e me perguntou, já dentro do carro, à porta da IP de São Bernardo, sua igreja de origem: “Valter, eu sinto que você de fato se importa comigo.” Minha resposta foi: “E o senhor ainda tem alguma dúvida?” A despeito da dificuldade que eu causo aos que mantêm vivência comigo, em decorrência de minhas idiossincrasias por demais complexas, tenho tentado sublimar isso, não guardando rancor de ninguém e sendo um amigo leal. E digo ainda mais: jamais persegui a alguém; jamais busquei solapar o prestígio de alguém; jamais me alegrei quando algum desafeto fracassa. Se puder, lhe estendo minhas mãos. Já fiz isso várias vezes. Com isso não estou tentando justificar-me nem engrandecer-me como se eu fosse bom, pois tenho muitos outros defeitos, voluntários e involuntários, que enfeiam minha vida, os quais me têm causado muito prejuízo, e com isso tornando minha fama muito ruim. Mais afasto as pessoas de mim do que as atraio. Nunca consegui muitas amizades. As que tenho é em decorrência do bom coração dos que não se afastam de mim e me aceitam como amigo. A despeito de muitas dificuldades de relacionamento, Rev. Sabatini e eu conseguimos ser amigos. Creio que ele não faleceu com mágoa de mim. Eu lhe dedicava grande admiração e afeto pelo que ele era e fazia. Sua esposa e filhos eram e são pessoas maravilhosas e íntegras. Na manhã do falecimento de sua esposa, uma das filhas me ligou e me disse: “Papai me pediu que não esquecesse de avisá-lo de que minha mãe acaba de falecer.” Lá fui eu. Ao chegar, ele me abraçou e me disse: “Valter, que bom vê-lo aqui conosco neste momento dramático.” Choramos juntos em silêncio e abraçados.

Transição dramática

O ano de 1990 foi dramático para a editora. Era a reunião ordinária do Supremo Concílio. Os dois colegas foram demitidos, e eu fiquei. Eles compreendiam, porém não aceitavam os fatos. Eu havia participado na elaboração do hinário com músicas; havia participado também na edição da gramática grega do Dr. Waldir Carvalho Luz; igualmente na edição das Institutas. Fui alijado completamente das comemorações e lançamentos dessas obras. Nem informado era. Nos convites, apunham somente seus nomes como se fossem os únicos diretores. Os dois lançavam mão do que queriam para si e para presentear aos amigos. Até funcionário recebia livros de presente. No tocante a mim, só muito depois consegui exemplares dessas obras por direito do ofício. Suportava tudo em silêncio. A princípio, eu os acompanhava nas viagens que a diretoria fazia às igrejas e concílios. Uma vez lá, ninguém ficava sabendo que eu era também diretor. Os dois eram celebrados, subiam aos púlpitos, discursavam, enquanto eu, incógnito, nem sequer era mencionado. Para todos, a diretoria se compunha dos dois. Mais tarde, iam os dois, e eu ficava. Mesmo assim, não me faziam nenhuma recomendação. Havia um funcionário que agia como diretor e tinha nas mãos todo o controle da empresa. Esse mesmo funcionário, em virtude da atitude dos dois diretores, agia como se eu não existisse ou fosse outro funcionário. Não me dava ordem porque era bem esperto; agia daquela forma porque era apoiado pelo presidente. Deixo registrado, não por mágoa, e sim para lição, que naquele tempo minha fé, se não fosse um dom provindo do trono da Graça, teria soçobrado e se definhado de

vez. Costuma-se haver no mundo mais respeito às hierarquias do que na Igreja do Deus vivo. Se alguém me perguntar por que não reagia, até nisso fui impossibilitado, pois aqueles a quem poderia recorrer como que desapareceram de minha vista e de meu alcance. Sempre soube que havia na Igreja do Deus vivo muita maldade, mas nunca havia experimentado tanta.

Aquele foi também um período de crise para a literatura pedagógica da igreja. Um superintendente entrava e logo saía; outro entrava e não ia longe. Houve momento em que eu tive de assumir de vez a responsabilidade de todo o preparo das revistas. Não há necessidade de dizer muito que toda a literatura didática da igreja nacional se empobreceu e quase que se definhou de vez. Um dos vultos mais proeminentes postos ali pelo Supremo foi precisamente o homem que em 75 preencheria e assinara minha carteira de ministro: Rev. Álvaro Almeida Campos. Aquela editora foi palco do horrível tratamento que aquele humilde homem sofreu. Penso que a IPB nem mesmo tem plena ciência da grandeza e nobreza daquele “varão sem dolo”, bem como do sofrimento que enfrentou ali. Até hoje costume denominá-lo de “Natanael”. Foi ele que me ajudou a retraduzir a Confissão de Fé e os Catecismos. Seu programa para as escolas dominicais era ótimo, porém foi rejeitado, para mais tarde ser usado sem seu nome. Aquele nobre homem tentou realizar uma obra impossível, porquanto foi completamente alijado. Vê-lo sendo ridicularizado, inclusive com deboche, me causou, além de náusea, um profundo conflito de fé e credibilidade no que tange ao lado humano da igreja. Precisei desenvolver técnica pessoal para vencer tais conflitos, ou, seja, jamais confundindo indivíduo com entidade ou corporação. A igreja, como corporação, é instituição divina, porém é composta de indivíduos distintos que, com frequência, agem como se estivessem a serviço de Satã.

Cremilda no Mackensie

Foi naquele dramático período que foram assessorar-nos três doutores presbíteros: Dr. Éder Acorse, Dr. Helio Conceição e Dr. Ciro Aguiar. Este último foi convidado, naquele ínterim, a assumir a presidência do Instituto Mackensie, e deixou nosso meio. Pouco depois, encontrando-me com ele, fez a seguinte pergunta: “Valter, há algo que eu possa fazer por sua casa?” Então lhe respondi: Minha esposa Cremilda é pedagoga e procura trabalho, mas é rejeitada porque seus diplomas são de Goiás e de Minas Gerais. Ela inclusive fez especialização na área da pedagogia, mas, para São Paulo, tudo isso não passa de lixo. Então retrucou: “Passe-me seu currículo o mais depressa possível.” Resumindo, dentro de poucos dias, Cremilda era funcionária do grande Instituto Mackensie, e lá ficou por dezessete anos. Agora seu salário era maior que o meu.

Cremilda e eu nem de longe imaginávamos em que mundo ardente ela se ingressava. Ali provaria as amargas setas da perseguição, da discriminação dos ímpios que eram postos acima dos justos para massacrar, anular e destruir. Na editora eram “justos” professos acima dos justos; lá eram ímpios professos acima dos justos do Senhor. Naquela escola de origem tão bela e edificante, jamais pensamos que vicejasse e dominasse todo gênero de mal. Ali os santos eram massacrados pelas mãos férreas dos perversos que eram postos como chefes supremos. No entanto, Cremilda deixou ali uma profunda influência de retidão e perseverança na vereda do bem. Aqueles algozes que tanto a pisaram tiveram seu

tempo de punição. Tudo indica que o Mackensie aprendeu a dura lição de deixar suas rédeas nas mãos de pessoas perversas e as entregou nas mãos de homens e mulheres tementes a Deus.

É preciso afirmar com justiça que o Mackensie, como instituição, veio a ser uma grande bênção em nossa vida. Além do mais, com o salário razoavelmente bom que Cremilda recebia, ela economizou para a aquisição de nossa primeira moradia. Hoje temos nosso apartamento na rua Clélia, no grande bairro da Lapa, adquirido com o abençoado salário que ela recebeu dos cofres do Mackensie. Somos gratos a Deus, acima de tudo, ao Dr. Ciro Aguiar, ao próprio Instituto Mackensie, pela grande oportunidade que ela teve ali de dar testemunho de uma fé robusta e genuinamente cristã, desconhecida de tantos. Somos gratos ainda porque nossa filha Wânia continua ali lutando com a mesma arma da fé e bom testemunho com que ela tem exemplificado.

Falência da Editora

Tenho que confessar que o presidente do período anterior conduzira a casa com muita habilidade administrativa. Saiu deixando tudo em ordem. Inclusive voltou atrás e me reembolsou da mudança de Goiás para São Paulo, depois que coloquei as cartas outra vez sobre sua mesa, numa circunstância bem distinta. Então o Supremo nomeou para a presidência da editora um homem de muitos requisitos, doutor em administração, porém de um comportamento em extremo estranho. Posso viver mil vidas que jamais conseguiria compreender a filosofia daquele preclaro homem, e nem como a IPB teve a idéia de colocá-lo como diretor daquela casa. O fato é que ali teve início o declínio daquela instituição, declínio que continuou com sua destituição e a nomeação de outro. Este também não teve condição de aprumar as finanças da editora. Tudo o que fazíamos, servia para piorar ainda mais a situação, até que veio a completa bancarrota, e a Editora Cultura Cristã faliu fragorosamente.

Uma figura de destaque em minha vida e ministério, desde muitos anos, foi a pessoa do Rev. Gecy Soares de Macedo. Quando de minha passagem pela igreja de Pirapora, Minas Gerais, lá estava ele, querendo cursar o IBEL, e fez isso com todo nosso apoio. Desde então, passamos a ser um para o outro não apenas amigos, mas irmãos. Celebrei seu casamento; acompanhei-o no seminário; acompanhei-o em seus campos; levei-o a trabalhar comigo na editora, como meu auxiliar. É difícil de conceber uma pessoa mais constante em sua meta do que o Rev. Gecy. Mesmo depois de minha saída daquela casa, ele continuou lado a lado comigo em minhas tribulações. Ele nunca levou em conta minhas francas ofensas contra sua pessoa, em meus momentos de desvario. Ele me ajudou a sair-me de um dos piores problemas que podem surgir na vida de um homem, principalmente na vida de um homem de Deus. Em meus momentos mais escuros, lá estava ele, sempre com uma palavra de ânimo, sem jamais me recriminar. Ele sempre acreditou em minha idoneidade.

Durante aquele período obscuro, eu chegara a fazer parte do Conselho de Imprensa. O jornal *Brasil Presbiteriano* também sofreu desastrosa refrega. Ficou de mãos em mãos, sem encontrarmos solução plausível. E eu, o diretor-editor sertanejo, fiquei aí no meio do

tiroteio. Se não houvera aprendido a olhar para mais longe, para o futuro e para o alto, teria sucumbido. Mas sempre me afeiçoei à história de José, que olhava para o futuro em todos seus transe desesperadores. Eu sentia que tudo aquilo não era meu “destino” definido e final; era apenas uma transição passageira; o Senhor da Igreja me preparava para algo maior, ainda que não o compreendesse no momento. Porquanto me sentia como que num cadinho a derreter-me, a consumir-me, sem entender imediatamente por quê. No entanto, quando saí o jornal já estava em melhores mãos.

Depois de passar a ser o editor legalmente autorizado, procurei realizar aquilo que não conseguira até então. Foi quando dei início a um programa de obras reformadas, partindo da publicação dos livros de William Hendriksen, seus comentários, mais precisamente. Cheguei a traduzir e publicar Romanos, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses e Pastorais, e deixei traduzido Mateus. Traduzi seu livro de estudos escatológicos, A Vida Futura Segundo a Bíblia. Depois de minha saída ainda traduzi Lucas e Apocalipse e revisei o Evangelho de João. Fiquei animado quando soube que o editor que me sucedeu, muito mais capaz que eu, graças ao Senhor da Igreja, dera curso ao meu programa. Hoje me emociona contemplar na estante toda a obra completada.

Deixo registrada aqui minha confissão de que jamais pensei que estava apto para a tarefa de fazer livros. Sempre me considerei um leigo e trabalhador braçal. É assim que me denomino até hoje. Mas sempre nutria um ideal que suplantava ao de todos os editores daquela editora até então. Havia algo que eu queria fazer e nunca tive o respaldo de alguém para fazê-lo. Todo livro que eu publicasse, ou mesmo traduzisse, ainda não me acalentava. Havia outro livro a ser publicado; e com quem falasse a respeito, era desestimulado, como que tentando o impossível. A própria Igreja sempre viu isso como impossível. Mas eu estava destinado a cumprir essa minha meta depois que saísse dos domínios da Editora Cultura Cristã. Hoje compreendo que eu não podia continuar ali, que aquele posto era de outro muito mais competente, e que aquela instituição me fora como que uma escola de aprendizado para a concretização de um sonho já calejado em meu cérebro e coração. Fui correta e felizmente substituído por alguém que possuía e possui todas as qualificações de um real editor, e por minha vez fiquei livre para fazer a última tentativa de pôr em prática meu sonho. Como poderia eu guardar mágoa de alguém, se Quem estava acima de todos me destinara à concretização de um sonho acalentado há anos?

Deposição tumultuosa

Então reuniu-se a Ordinária do Supremo Concílio em meado de 94, quando aquela diretoria foi dissolvida e punida. Ao saber que eu estava sendo punido pelo Supremo, por um crime que não havia cometido, isto é, que não participara de nenhum esbulho do erário alheio, nem eu nem meus colegas, que o que houve foi incapacidade administrativa de reverter uma situação já criada por outros, então decidi afastar-me do seio de minha amada Igreja Presbiteriana, entregando minha carteira de ministro e me afastando de vez de sua membresia. O plenário já havia aprovado o documento punitivo: em quatro anos não poderíamos exercer qualquer função em qualquer área da Igreja. Ao ser informado, gritei furibundo que doravante não mais seria presbiteriano, porquanto minha alma sentia repugnância por tamanha injúria. Não que eu pretendesse alguma futura função em algum

setor da Igreja, porquanto meu coração não está posto nessas coisas. Aliás, sou completamente avesso a hierarquia. E assim, furioso, deixei o pátio do Mackensie determinado a tomar uma medida drástica. Houve um reboiço na Mesa, porquanto ela foi informada de minha reação. O Plenário repensou e voltou atrás de sua decisão. E eu continuei na Igreja que um dia me acolhera, me abraçara na nova fé. Mesmo assim, doravante me tornaria arredo e frustrado no que tange à política eclesiástica. Não obstante, deixo aqui expresso e impresso, para que minha amada Igreja tenha ciência, que nunca me vali do púlpito para desabafar-me contra sua direção máxima. Não sinto mágoa de ninguém, sinto tristeza por hoje ser tratado de modo discriminativo por quase todos. De qualquer forma fui marcado, e não positivamente. Vivo praticamente sozinho trabalhando meus livros. Pelo menos tenho o que fazer! Sei de muitos guerreiros da igreja que, assim que terminam seus labores, assim que depõem suas armas, são também esquecidos em algum canto do mundo. Sou apenas mais um! Já não somos lembrados para uma preleção, para uma conferência, para uma festividade; às vezes nem mesmo para uma oração! No mundo é costumeiro lembrar-se de seus velhos heróis e celebrá-los na tela da televisão. Por que a igreja faz diferente? Ela está mais certa em agir assim? Seria esta a vontade de Deus para seus servos? Talvez eu esteja equivocado! Se estiver, que meu Senhor me perdoe.

Ao ver-me fora daquela editora, todo o universo despencou sobre minha cabeça e bateu-me o desespero. Houve muito conflito no acerto legal com a instituição. Ela queria que eu a perdoasse de meus direitos legais perante o INSS. Faltavam menos de dois anos para minha aposentadoria, e a Previdência me alertou desse outro direito: eu não podia ser demitido. O Conselho Deliberativo da editora ficou em polvorosa, e me pressionou de modo que até no mundo causa náusea. Quando este me pediu que provasse por documento que de fato faltava aquele tempo para aposentar-me, meu velho homem veio à tona com toda sua força. Fiz um documento, abrindo mão daquele direito. Agora estavam livres de mim. Ninguém viu nem levou em conta aquele meu ato. Ninguém se importou de saber que fiquei muito prejudicado na consumação da aposentadoria. Hoje recebo cerca de um terço do valor previsto naquele tempo. Certamente, ninguém vai se comover com este relato. Ninguém parou para averiguar o quanto a editora se beneficiou com meu ato, pois, somado tudo, o que perdoei era muito maior que o que não perdoei. Quanto eu ganharia, em quase dois anos, sem trabalhar ou trabalhando contra a vontade da nova diretoria?

Como eu já disse, ao deixar a editora, senti-me esmagado por um peso que me era impossível carregar. Se estava em casa, queria sair; se saía, queria voltar para casa. Foi nesse tempo que a Primeira Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo me convidou para que fosse de novo seu pastor auxiliar. Estive lado a lado com o Rev. Magnos, com o Rev. Wilson Bonadio; ambos renunciaram. Em todos aqueles contratemplos eu estava ali conciliando as crises. Naquele meio tempo o conselho chegou a convidar-me para que fosse seu pastor titular. Foi então que lhe sugeri que convidasse o Rev. Alceu Davi Cunha, que ora era pastor em Santo Amaro. Ele pastoreia aquela igreja até hoje. E assim aquela igreja veio a ser meu lenitivo. Fiz um vasto lastro de amizade com todos. O conselho era composto de homens probos e amigos. Até hoje tenho aquela igreja como a minha igreja. Cerca de treze anos estive ali, e de vez em quando volto a convite para alguma preleção.

Nasce Edições Parakletos

Salvo engano da memória, foi em meu aniversário de 95 que Cremilda me presenteou com o primeiro computador. Então passei a treinar como operar aquele tipo de máquina. Sempre nutria o desejo de escrever um livrinho. O que sempre me atrapalhou foi um terrível pessimismo quanto a minha capacidade. Há na Bíblia uma metáfora que sempre me fascinara: a figura do Livro da Vida, no qual se acham registrados os nomes de todos quantos deveriam ser salvos pelo Cordeiro de Deus. Passei a esboçar e a desenvolver aquela idéia. De repente, ali estava um livrinho até razoável. Mas não tinha recursos para publicá-lo. Cremilda, uma vez mais, economizou e custeou aquela despesa. Assim, estava diante de todos nós meu primeiro livrinho. Como nunca desfrutara de popularidade e nunca inspirara confiança em quase ninguém, o livrinho foi ignorado. Levou tempo para esgotar-se. Foi então que descobri o quanto era conhecido, sim, porém o quanto era sem prestígio. Mas ali estava um humilde começo, usando a metáfora do profeta (Zc 4.10). Hoje tento reescrevê-lo com mais consistência e mais amplitude.

Havia (e ainda há) na Igreja de São Bernardo dois presbíteros que sempre me ofereceram a destra de companheiros. São do tipo que são amigos porque querem ser amigos. Não importam se a gente esteja ou não à altura de sua amizade. Mais ainda, os dois, entre si, são amigos inseparáveis. Em todos meus tranSES, Lauro e Denivaldo estavam aí, ombro a ombro, até mesmo com recurso financeiro. Ambos bem sabiam de meus ideais literários. Passaram a acompanhar de perto meu desenvolvimento. Aliás, eu lhes segredava o desejo que nutria de ver as obras de João Calvino em nossa língua, mas não tinha nem capacidade profissional nem recurso financeiro. Era uma idéia que me embalava dia e noite. Causava-me angústia crer que tal façanha era possível, e me via impossibilitado pelo despreparo e pela escassez. Deus não me dera nem preparo nem recursos financeiros. Os que podiam fazer perfeitamente bem tal trabalho não acreditavam em sua exequibilidade. Já havia discutido com alguns doutores da Igreja, e viam minha idéia como simples quimera. O único valor que poderia haver seria na esfera acadêmica. Quem produzisse um material como esse ficaria com um estoque a apodrecer. Eu não via assim, porém não conseguia fazê-los ver com a mesma realidade que estava dentro de mim. O curioso é que os dois colegas presbíteros acreditavam em mim.

Ali, diante daquele pequeno computador, escarafunchando uma coisa e outra, de repente tomei em minhas mãos o comentário de Calvino, em inglês, da segunda carta de Paulo aos Coríntios. Meu inglês ainda não estava amadurecido, muito embora já houvesse traduzido cerca de 15 volumes. Passei a ler página após página; abri uma pasta no computador e comecei a traduzir linha após linha; página após página. Mostrei aquilo ao Rev. Gecy e aos dois presbíteros, Lauro e Denivaldo. Foi nesse período que estes dois companheiros resolveram, cada um de seu lado, e depois irmanados, dar-me a mão na publicação das obras de Calvino. “Você traduz e deixa o resto conosco.” Teriam que desembolsar os valores de impressão e fazer a comercialização. Denivaldo tinha uma livraria em São Bernardo. Depositava ali mesmo o estoque que vinha da Imprensa da Fé e fazia ali a comercialização.

Eu mesmo traduzi e revisei a obra, lendo e relendo diversas vezes. Não tinha dinheiro para pagar a alguém que pudesse ou quisesse revisar meu precário trabalho. Minha filha Eline havia feito o curso de artes gráficas, e se juntou a mim para formatar aquele primeiro comentário de Calvino em português. Uma vez pronto, procuramos a Imprensa da Fé, cujo diretor, Mauro Wanderley Terrengui, já meu amigo, o qual se mostrou entusiasmado em ajudar, facilitando o pagamento. Senti-me estonteado com o primeiro fruto de nosso mútuo empenho em fazer João Calvino falar português. Outro grande animador foi o Rev. Alceu Davi Cunha, que se prontificou em deixar seu aval escrito no prefácio. O primeiro a fazer uma apreciação (ou depreciação?) de nosso modesto trabalho foi o Rev. Celcino Gama, o qual reputo como sendo um dos luminares da Igreja. Ao oferecer-lhe um exemplar, ele olhou atentamente para o livro, o abriu e folheou, olhou bem para mim e me perguntou: “Valter, por que logo Segunda aos Coríntios? Esta é uma carta muito pouco comentada pelos doutos da igreja.” Havia em suas poucas palavras, na forma de pergunta, um universo de sentidos. Penso que entendi o que ele quis dizer, e lhe respondi com simplicidade: “Talvez seja por isso mesmo!” Mantendo em minha resposta outro universo de sentidos. Um presidente de Sínodo nos devolveu com desdém o exemplar que lhe oferecemos, nos falando assim: “Senhores, isto ficou muito longe, já não tem nenhuma validade para hoje!” Outro, de modo chistoso, perguntou se estávamos psicografando João Calvino. Todos não tinham a devida coragem de perguntar diretamente: “Quem é Valter Graciano Martins para aventurar-se a publicar João Calvino em português?” Pois é isso que sentiam. E tinham razão! Só não tinham razão em sua covardia, em poderem fazê-lo, e não o faziam! Pior ainda: Taxavam de maluco àquele que sabia não possuir tal capacidade, porém que se aventurava a fazê-lo com o pouco que o Senhor da Igreja lhe dera. É muito difícil realizar uma grande obra sendo pequeno, destituído de prestígio. A grande obra é empanada pela falta de brilho do realizador.

É justamente neste ponto que deixo minha honesta confissão a respeito desse empreendimento. Meu sonho de ver João Calvino falando português nasceu naquele dia em que meus colegas ibelinos falaram-me das Institutas. Desde então em meu espírito delineava-se algo informe, mas que persistiu durante todo meu percurso futuro. Por onde quer que eu andasse, bailava em minha alma tal pensamento: é preciso fazer João Calvino falar nosso idioma. Não que eu mesmo *quisesse* fazê-lo, mas queria que meus ideais fossem concretizados através dos eruditos da Igreja. É a eles que cabe empreendimento desse vulto. Certa vez encontrei-me com um dos homens que mais influenciaram minha modesta trajetória. É claro que ele nunca teve consciência disso. O fato é que me encontrei com o gigante Rev. Dr. Odayr Olivetti. Era um conclave da Missão Presbiteriana no IBEL, Patrocínio, e estava lá com ele o Rev. Arael Costa, então diretor da Casa Editora Presbiteriana. Eu quis saber por que as Institutas de Calvino não estavam em português. A resposta de ambos é que, além de ser uma obra de alto custo, era também de pouco valor prático, porquanto bem poucos tirariam tempo para ler tal obra, além do âmbito acadêmico. Mais tarde eu ouviria muito esse mesmo argumento, que para mim não podia ser procedente. Ora, eu entendia que um dos homens da Igreja que poderiam realizar tal façanha era precisamente o Dr. Olivetti. Anos depois a Providência nos uniria nesse bendito empreendimento. Havia muitos outros, porém nenhum tinha ou disposição ou condição ou oportunidade. Muito mais tarde ficou registrada no prefácio aos Salmos de Calvino a declaração de que outro doutor da Igreja, Boanerges Ribeiro, desejou muito empreender tal obra, chegando a fazer um arremedo de tradução das Institutas.

Enquanto pastor em Ceres, Goiás, recebi da Holanda as Institutas na língua espanhola. Consegui ler aquela versão duas vezes consecutivas. Isso aumentou ainda mais meu desejo que já era intenso. Por momentos e mais momentos eu ficava a fitar as páginas daquela versão, imaginando que estivesse diante de mim uma versão portuguesa; que estava lendo não em outro idioma, e sim em meu próprio idioma. Não só isso, mas que tantos outros leitores brasileiros eram abençoados com aquela leitura. Cheguei a rascunhar um arremedo de tradução daquelas páginas. Mas não deveria ser eu a fazê-lo, e sim aqueles que realmente sabem fazê-lo. Quantos homens e mulheres no seio da igreja poderiam fazer uma grandiosa tradução desta obra. Certamente muitos brasileiros seriam beneficiados. Eu seria o primeiro a lê-la.

Quando foi publicado o primeiro volume da tradução do Dr. Waldir Carvalho Luz, eu ainda estava em Ceres, e o recebi pelo correio, e com sofreguidão o abri e passei a ler. O mundo foi despencando sobre minha cabeça, pois comparava as duas redações, espanhola e portuguesa, e fui dominado pela descrença, perguntando-me se era possível que a leitura em outra língua pudesse ser mais fácil que ler em meu próprio idioma. Passei a perceber que o Brasil continuaria jejuno da grande obra do reformador.

O que sempre concebi de mim mesmo é catastrófico. Nunca me vi como a pessoa talhada para um empreendimento desse porte e nem de espírito diplomático. Nunca pensei de mim grande; sempre pequeno. E para traduzir as obras do reformador era preciso ser grande. Quando traduzi Segunda aos Coríntios, meu intuito não era continuar, e sim convencer os eruditos da Igreja de que é possível e exequível publicar tudo de Calvino para o povo brasileiro. De repente me vi cercado por alguns eruditos, dando-me sua destra e seu aval, sem constrangimento, para que eu mesmo continuasse. Um desses vultos foi o Rev. Dr. Ermisten Maia Pereira da Costa, um dos doutores mais ativos, influentes e aptos da Igreja. Este homem não se envergonhou de pôr-se a meu lado, chegando a prefaciá-la minha modesta tradução de Romanos de Calvino, e estava sempre conosco nos vários lançamentos. E ainda outro que não se esquivou de mim, e que nem mesmo tínhamos qualquer afinidade, foi o Rev. Dr. Boanerges Ribeiro. Certo dia dirigi-me a ele com uma pergunta ousada, quando me preparava para lançar o primeiro volume dos Salmos: Rev. Boanerges, o senhor não me conhece, nem sou um homem de seu nível, nem mesmo temos afinidade, mas gostaria muito de ver seu prefácio no comentário de Calvino sobre o Livro dos Salmos. Se o senhor responder na negativa, vou achar mais plausível do que se responder na positiva. Sua resposta foi pronta e surpreendente: “Você erra em pensar que eu não o conheço. Eu o conheço e muito bem. Tenho acompanhado sua vida e labor. Segundo, você erra crendo que eu recusaria apor meu aval em sua tradução dos Salmos.” E escreve no prefácio: “Eis que a providência Divina chama o rev. Valter Graciano Martins para traduzir Calvino, e dá-lhe um grupo dedicado de companheiros para editar suas traduções.” Mais adiante: “Graciano dá-nos Calvino simples, natural: sua tradução não é um labirinto, é clara fonte; descobrimos encantados que ler Calvino em português é, além do mais, agradável.” Hoje estou radiante em ver que a Editora Fiel conservou seu belo prefácio na reedição do primeiro volume dos Salmos.

Ao ler tudo isso, não conseguia crer que eu fosse o predestinado de Deus para fazer João Calvino, um dos homens mais eruditos e eminentes de toda a história humana, falar

nosso idioma através de suas obras. Eu me via por detrás daquela bigorna, ainda com martelo na mão, naquela humilde oficina, mais tarde nos campos missionários, sem traquejo, sem conhecimento suficiente, ignorado do mundo e da igreja. Como, meu Deus, é possível um leigo deficitário fazer isso? Ainda mais, teria que traduzir suas obras de tradução, porquanto nem mesmo domino o francês ou o latim para ir à fonte direta. Todas as críticas neste respeito procedem. Embora a fonte que eu uso seja aquela citada no mundo inteiro pelos próprios eruditos, por ser uma tradução estritamente fiel aos originais, porém foi feita por eruditos, homens que confrontaram sua tradução com outras obras do reformador, ou em francês, ou em latim. Deixaram apenas notas preciosas de cunho ou crítico ou elucidativo. Houve momento em que me arrependia de haver começado aquela atividade.

O fato é que não paramos, e de repente eis aí mais Calvino: além de 2Coríntios, vieram Romanos, 1Coríntios, Gálatas, Efésios, Pastorais, Hebreus, Daniel, Salmos (3 volumes). E fomos vendendo. Romanos e 1Coríntios se esgotaram, reeditamos. Registramos a empresa. O conselho era composto pelos Presbíteros Denivaldo e Lauro, por mim e por minha filha Eline. A princípio, Denivaldo depositava tudo em sua própria livraria. Por fim tornou-se impossível continuar assim: tivemos que alugar um depósito. A situação foi ficando cada vez mais grave. O dinheiro arrecadado mal bastava para outra edição, e assim eu e Eline ficávamos sem dinheiro. Mais de uma vez, os dois colegas tiveram que enfiar a mão no bolso para socorrer compromissos com a imprensa, sem nem mesmo saberem se um dia seriam reembolsados.

Cabe-me falar aqui de uma pessoa de papel vital em Edições Parakletos: Eline Alves Marins, minha filha, assumiu a meu lado a função editorial e comercial. Ela fazia toda a parte de formatação, de arte e de vendas. Creio que, sem Eline, Edições Parakletos dificilmente teria surgido. Capaz e disposta, ela estava comigo todo o tempo. Não se queixava quando não sobrava dinheiro para nós mesmos. Pois tudo o que entrava era para pagar aluguel, gráfica e outros pormenores. Aquele foi um tempo de grandes provações para ela, ao mesmo tempo que passava para a história de Calvino no Brasil.

A dívida que contraímos com Denivaldo e Lauro foi perdoada por ambos. Esses dois nunca nos deixaram ao léu. Eles nos deram perenemente a destra de apoio. No entanto, minha filha casou-se e veio a ser mãe, e a empresa começou a rolar morro abaixo. Nunca apareceu de fora uma mão a socorrer-nos. Quando alguém solicitou de um grande empresário da igreja que nos socorresse, ele respondeu: “Não tenho dinheiro para essas coisas.” Nem digo isto com mágoa, pois sempre compreendemos que o que fazíamos era difícil de se crer que tivesse um futuro seguro. E assim caímos num corredor que se estreitava cada vez mais. Nosso maior cliente nem eram os presbiterianos, e sim a Assembléia de Deus. Isso pode parecer surpreendente, mas é um fato comprovado de que muitos pentecostais estão lendo João Calvino mais que os presbiterianos. Outro grupo que sempre nos leu foram os batistas das várias confissões.

Esse período foi de muitas conferências. Eu era convidado para falar de Calvino. Nunca dizia que não conhecia bem o grande Reformador, simplesmente ia lá para falar dele. Só na capital paulista houve diversos confrontos, em igrejas, em presbitérios, em sínodos. Fomos a Salvador, a Governador Valadares, a Cachoeiro do Itapemirim, a Santos, a Rio Verde de

Goiás, a uma cidade interiorana da Bahia, cujo nome já nem me lembro, entre outros lugares. Já faz muito tempo. Éramos quatro os componentes dessa caravana: Rev. Alceu Davi Cunha, Denivaldo, Lauro e eu. Eles não me deixavam na mão; me punham num de seus carros e saíamos estrada fora. Nem se importavam com meus discursos sem qualidade. Acumulamos muitas histórias interessantes nessa trajetória. Enchíamos o carro de livros, ou por transportadoras, o fato é que levávamos Calvino conosco pelos rincões brasileiros. Arrostando juntos todo tipo de aventura que, se fôssemos narrá-las em livro, seria este de bom tamanho. Foi um tempo de muito movimento e experiência. Houve boas-vindas e houve desdém. Em certa cidade, não apareceu ninguém para nos ouvir. O que me faltava era crédito. Calvino não estava em boas mãos. Muitos dentre os que agiram assim haverão de se lembrar um dia que, a despeito de sua atitude, João Calvino logrou êxito no Brasil. Um dos homens mais entusiastas com aquele movimento foi o Rev. Dr. Cleómines A. de Figueiredo, não só prefaciando Hebreus, mas também estando sempre presente conosco. Outro foi o Rev. Dr. Ademar de Oliveira Godoy, homem de vasta cultura, humilde, crente, disposto, leal. Esses homens não se intimidavam ante a indiferença da maioria dos grandes da igreja. Tivemos muito prejuízo, porém nenhum auxílio financeiro de fora. Tampouco narro isso no tom de queixa, porque o Senhor da Igreja estava sempre conosco, e nos fazia vitoriosos. Narro isso, sim, como advertência a todos, para que não haja desdém quando algo grande começa pequeno, e nossa tacanha visão se nos constitui um obstáculo.

Edições Parakletos à venda

Certo dia procurei o editor da Editora Cultura Cristã e lhe propus a aquisição de todo nosso estoque e dos direitos das obras já publicadas. Com semblante desinteressado, me respondeu que o muito que poderíamos fazer era cogitar o empreendimento de co-edições. Eu, porém, não queria tomar esse caminho. Não queria um compromisso cujo nível fosse tão desigual, a saber, trabalhar em conjunção com um erudito, enquanto eu mesmo continuava um mero trabalhador braçal. O que de fato eu queria era ver Calvino em boas mãos. E as mãos daquele editor eram realmente boas. Minha única ambição era que ele fosse vertido para nosso idioma. De bom grado teria parado se visse o reformador nas mãos de homens e mulheres capazes. Com certeza eu iria descansar em paz vendo a obra sendo feita por uma grande editora e por uma equipe qualificada, enquanto eu compulsava, em paz, seus volumes, a render graças ao Senhor da Igreja por ter continuadores de uma obra que teve tão humilde começo. Nossa oração era para que Deus nos abrisse uma porta de escape.

Novas edições das Institutas

Mesmo trabalhando de forma tão precária, engendrei fazer uma edição *legível* das Institutas de João Calvino. Havia dois entraves que eu tinha que desfazer primeiro: um deles era a falta de condição financeira para tanto; o outro, é que eu não era o homem talhado para tanto. Uma coisa é traduzir os comentários; outra bem diferente é traduzir uma obra como as Institutas. Fui à sala do editor da Cultura e me assentei com ele e falamos diretamente do caso em pauta. “Rev., creio ser de vocês o dever moral perante o público leitor de produzir uma nova edição das Institutas. Foram publicadas por esta casa e

o Brasil continua jejuno delas. Se hoje o senhor me disser que não tem nenhum interesse nisso, então vou tentar produzi-las.” Ele me fitou bem, e respondeu que aquela era uma boa hora para uma séria tomada de decisão. “Sim, eu vou empreender essa grande tarefa, e você vai traduzi-las para mim.” Eu me neguei, dizendo que não havia ninguém mais apto para tal empreendimento do que o Rev. Dr. Odayr Olivetti. No outro dia, o editor me ligou para notificar que o Dr. Olivetti aceitara, eufórico, fazer a tradução das Institutas. E foi este o ponto de partida na história da edição vigente das Institutas traduzidas pelo Dr. Olivetti. Depois de muitos anos, eis de novo eu e o Dr. Olivetti envolvidos numa obra que, naquele tempo, naquela reunião da Missão no IBEL, para ele era inexequível. Se pudéssemos ter ídolos, esse homem seria o meu! No mínimo, eu sempre fui e hoje sou ainda mais seu fã.

Não passaram muitos dias, recebi um telefonema do editor da Cultura, convidando-me a ir lá para uma conferência entre os dois. Atendi e me pus diante dele novamente. Então me disse: “O Conselho Editorial da Cultura decidiu fazer justiça ao grande labor do Rev. Dr. Waldir Carvalho Luz, reeditando sua tradução das Institutas. No entanto, todos concordamos, inclusive ele, que não seria possível fazer isso sem desembaralhar aquele emaranhado de vocábulos. Ele nos deu sua permissão, e então pensamos que você é a pessoa talhada para realizar tal façanha.” Fiquei aturdido. Pedi uma semana de prazo para decidir. Foi uma semana difícil, pois sabia que ali estava uma faca de dois gumes. Se fosse bem sucedido, poderia vir a ser herói; se fracassasse, poderia tornar-me um terrível vilão. No fundo, sabia que ali estava uma grande oportunidade de envolver-me ainda mais com João Calvino no Brasil. Quanto ao outro lado da mesma moeda, nunca me importei em ser visto ou tido como vilão, contanto que em meu ser intrínseco eu não o seja.

Devo dizer francamente que sempre tive o Rev. Dr. Waldir Carvalho Luz não só como um dos homens mais doutos da Igreja, mas também como um varão íntegro e santo, de quem eu não era digno nem mesmo de desatar os cadarços dos sapatos. Creio que essa foi a dificuldade mais séria que tive de enfrentar: tocar aquela obra que levou anos para ser concluída pelo incansável labor desse santo varão. E qual seria de fato minha tarefa? Desembaralhar a difícil construção gramatical, retirar todos aqueles colchetes e italicar a matéria que estava dentro, substituir todos aqueles termos já em desuso, retirar todas aquelas notas de rodapé que, somadas, davam para formar um livro à parte, e tantos outros detalhes que dificultavam a legibilidade da leitura. Pus o texto diante do computador, fiz experiência de algumas páginas, e então respondi ao editor que sim.

Levei cerca de um ano. Durante aquele tempo pequei muito contra o Senhor da Igreja e contra um homem muito mais santo do que eu, por aquela obra haver sido feita daquela forma, perdendo o autor uma grande chance de fazê-la da forma certa e definitiva. Sofri um grande desgaste emocional e mental. Foi um trabalho pior do que se fizesse uma tradução direta. Naquele tempo surgiu o adágio de que eu estava traduzindo Waldir Carvalho Luz. E no final recebi da Editora Cultura Cristã um grande prêmio: a completa omissão, no prefácio, de como a coisa foi feita. Nem sequer fez a mais leve menção. Apareço meramente como *revisor*. Não fui *mero* revisor. Mas compreendo bem a razão para tal omissão: como poderia eu, um leigo e trabalhador braçal, figurar lado a lado com os doutores ali mencionados, os quais nem mesmo tocaram aquela obra? São coisas dos homens! Essa omissão continuaria em outras obras que eu faria para aquela egrégia instituição. Repito, não confundo indivíduo com a corporação. Repito ainda, não narro isto

como mero desabafo ou mágoa, e sim como lição para todos nós no futuro. Aquele editor desfruta, de minha parte, do mais elevado conceito, seja em sua pessoa, seja na execução de sua profissão. Não faz muito tempo respondi a uma inquirição se aquele editor deveria continuar naquela instituição. Minha resposta foi: “Vocês não podem tirar aquele homem daquele posto. A casa pode desmoronar-se sem ele.”

Transição de igreja

Nesse tempo deixei a Primeira Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo, e assim Cremilda e eu passamos a freqüentar uma e outra igreja para ali ficarmos. Certo dia decidimos ir à Igreja Unida, que não ficava longe de casa, para testar se o ambiente também cabia os pequenos da Igreja de nosso Senhor. A fama daquela igreja me acompanhara de longa data. Chegamos a medo, nos assentamos arredios, num ponto que não fôssemos vistos por ninguém. No entanto, o pastor daquela igreja nos era bem conhecido. Sempre nos dera seu aval nas publicações de João Calvino, estando sempre presente, chegando a atender-nos, prefaciando Efésios. Sim, o Rev. Carlos Aranha Neto era o pastor daquela grande igreja. Por mais que tentamos ficar anônimos ali, foi impossível aos olhos daquele amigo. Logo nos anunciou e desde então não mais ficamos escondidos. Aquela igreja, como a de São Bernardo, nos deu atenção e apreço. Logo fui posto a pregar e a lecionar. Rev. Carlos me queria não só como assistente temporário, e sim como pastor auxiliar. Por isso diligenciou meu recebimento no Presbitério Unido. Uma vez mais, nunca fora recebido num presbitério como se deu naquele. Fui recebido de pé, com aplausos, por todos, de modo efusivo. Não via fingimento neles. Havia ali doutores em teologia, em jurisprudência, em pedagogia e outras ciências. De repente senti que todos esperavam de mim mais do que eu poderia dar. Senti medo e insegurança. Não tinha como corresponder. O jeito era evadir-me, e bem depressa.

Nesse tempo todos os filhos já estavam casados e já tínhamos alguns netos. O mais velho, Sóstenes, veio a ser um exímio líder de acampamento cristão, fizera o IBEL e se preparara bem junto ao grande diretor de acampamento, Alan Mullins. Ele casara com Valéria e teve dela dois filhos, Calebe e Nilo. Wânia também fizera o IBEL e fizera pedagogia, vindo a ser uma grande professora e escritora de lições bíblicas para a infância. Casara com Ronaldo e teve gêmeos, Guilherme e Henrique. Simonton fizera o curso de Administração de Empresa e ora trabalhava na empresa multinacional, Rolls-Royce Brasil, veio a ser também um bom professor na Escola Dominical. Casara com Regiane e teve dela dois filhos, Lucas e Ana Clara. O caçula, Wander, chegara a ser evangelista numa igreja. Amante de aquarismo, seguiu essa linha profissional. Casado com Cláudia, tem hoje três filhas, Jéssica, Amanda e Manuela. Eline, como já vimos, veio a ser minha sócia em Edições Parakletos, uma companheira inseparável nesse empreendimento tão vital para o futuro de João Calvino no Brasil. Casada com Alex, professor de música, deu à luz Maria Luíza. Cremilda se aposentara do Instituto Mackensie e eu estava engajado no pastorado da Igreja Unida e querendo safar-me. Agora estávamos sozinhos, como sucede com quase todas as famílias depois de formadas.

Outra vez a Editora Fiel

Nesse ínterim, a Editora Fiel interessou-se em participar das publicações de João Calvino. Certo dia o fundador daquela empresa, já meu conhecido de longa data, Dr. Richard Denhan, convidou a mim e a Eline para um encontro em São José dos Campos. Lá fomos e nos encontramos em torno de uma mesa de restaurante para um tranqüilo almoço: o próprio Dr. Denhan, seu diretor, Tiago Santos, Eline, meu genro Alex, e eu. Ele nos propôs uma força tarefa de co-edição das obras do reformador. Então propusemos que a Fiel comprasse todo nosso estoque e nossos direitos. Foi chocante. Depois de uma boa pausa, ele disse que seria muito pesado no momento, porquanto estavam engajados na construção da sede da editora. No entanto, fizemos uma contraproposta que o levou a refletir bem e encontrar uma saída. O certo é que, de repente, acertamos a venda de Parakletos para a Editora Fiel, e eu continuaria sendo o tradutor de Calvino para ela. A partir de então, a Editora Fiel seria, doravante, a empresa que se destinava a editar Calvino para o povo brasileiro. E eu continuaria engajado no ministério (por que não dizer “mistério”?) de fazer João Calvino falar nosso idioma.

De volta a Goiânia

Naquele tempo, meus sogros já se achavam em estado senil. Precisavam de nós. De mulher, Cremilda é a única filha. Morando em Aparecida de Goiânia, cabia a nós ir para lá, e não trazê-los para cá, o que seria impossível, porquanto eram por natureza do campo. E assim, de repente, deixávamos a selva de pedra pelo campo. Fomos morar junto a eles. Meu sogro não durou muito e veio a falecer nos recessos de nossa casa. Minha sogra ainda vive, e os cuidados que recebe vêm de sua filha Cremilda, minha esposa.

Em chegando aqui, armei minha oficina de trabalho num cômodo apertado, como sempre o foi. Nunca tive o gosto de trabalhar num cômodo amplo, com a biblioteca bem distribuída e catalogada, com equipamento novo e completo. Desde então trabalho para a Editora Fiel; ou, melhor, para a educação teológica do povo de Jesus Cristo ainda peregrino neste mundo. Deixo registrado que, até esta data, já traduzi para a Fiel, além dos livros já editados, a saber, três volumes dos Salmos, Daniel (2 volumes), Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Pastorais e Hebreus, também aqueles que já estão traduzidos e se acham em fase de preparação: os Sermões sobre o rei Davi, Jesus Cristo, Jacó e Esaú (Eleição e reprovação); os tratados sobre a Santa Ceia, Psicopaniquia, Providência Secreta de Deus, Confissão de Fé de Genebra, Necessidade de Reforma na Igreja e Réplica ao Cardeal Sadoletto; os comentários sobre Gênesis (2 volumes), Harmonia da Lei (4 volumes), Josué, Harmonia dos Evangelistas (3 volumes), João (2 volumes), Atos (2 volumes), Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Tiago, Pedro e João. Dos já editados, alguns já estão reeditados: 2 Coríntios, Pastorais, Gálatas, Efésios e o primeiro volume dos Salmos. Estão lançando Gálatas e Efésios em um só volume com Filipenses e Colossenses. O quarto volume dos Salmos já foi editado, completando assim essa obra tão monumental. Se eu não fizera nada mais, além da tradução dessa obra dos Salmos, já me daria por satisfeito e teria prestado ao reino de Deus uma grande contribuição. Creio que não há nada em português que sobrepuje essa obra tão magnífica. Louvo a Deus por isso!

Além de tudo isso, Deus me deu a graça de traduzir obras para várias editoras. Para a Editora Candeia, Descobrimo a Bíblia; para a Editora Fiel, Apocalipse e o Dom Supremo; para a Editora Agnos, Teologia Sistemática de Charles Hodges; para a PES, a teologia de Loyd-Jones: Deus Pai e Deus Filho, Deus Espírito Santo e A Igreja e as Últimas Coisas; para a Editora os Puritanos, O Espírito Santo, Comentário à Confissão de Fé, A Palavra Final; para a Editora Cultura Cristã, além daqueles livros que eu mesmo deixei editados, traduzi ainda Gênesis, Salmos, Isaías (2 volumes), parte de Ezequiel e Teologia Apologética de Frances Turretin (3 volumes). Revisei muitos outros livros, cujos títulos deixo em branco. Apenas reitero o grande trabalho feito nas Institutas traduzidas pelo Rev. Dr. Waldir Carvalho Luz. Se alguém prestar detida atenção, perceberá que não traduzi nem traduzo obras que não sejam de convicção reformada. Daí acreditar que tenha eu dado ao povo evangélico de língua portuguesa boa contribuição na área educativa da teologia.

Presbitério Sudoeste de Goiânia

Assim que chegamos em Aparecida de Goiânia, fui recebido, por transferência do Presbitério Unido, no Presbitério Sudoeste de Goiânia, em cujo seio sou jubilado. E é em seu seio e no ano de 2009 que celebro quatro datas magistrais em minha vida peregrina: 70 anos de vida consumida humildemente no serviço de Jesus Cristo; 50 anos de profissão de fé; 150 anos de minha querida denominação, em cujo seio tenho servido ao Senhor da Igreja; 500 anos da vida daquele célebre vulto que encheu a história com seu singular exemplo de como vale a pena viver integralmente para a honra e glória do Senhor Jesus Cristo, João Calvino. Minha jubilação, pois, se dá num período de grande celebração nacional, num ano em que João Calvino se torna uma célebre figura não só no seio de todo o povo realmente evangélico, mas também no próprio país que abre as portas a recebê-lo, mesmo que sem o perceber. De suas Institutas, temos hoje três lindas versões: duas da Editora Cultura Cristã e uma da Unesp, cujo texto estou lendo, e cujo primeiro volume já se esgotou. De fato, este é o ano de João Calvino no Brasil, e me emociona em poder, humildemente, fazer parte dessa gloriosa história. Sinceramente desejo que um dia, antes de partir para o lar de Jesus Cristo, a IPB perceba que Valter Graciano Martins lhe fez uma das mais esplêndidas contribuições: João Calvino na língua do povo brasileiro.

Uma entidade que me recebeu de braços abertos, até mesmo solicitando meus modestos serviços, foi nosso Seminário de Goiânia. Seu diretor, Rev. Dr. Saulo Pereira de Carvalho, e seu deão, Rev. Aurino Cezar Lima Filho, se fizeram meus amigos e me abriram as portas da instituição. Pela informação do deão, os alunos gostam de ouvir as experiências e exposições deste velho pastor. Conto hoje com a amizade de boa parte de seu corpo docente. Alguns são arredios, porém já estou calejado com esse comportamento acerca de minha pessoa.

Confissão de fé

Sou adepto confesso da fé reformada, e creio ser ela a única interpretação que faz plena justiça à santa Bíblia. Além de viver toda minha vida engajado na promoção dessa grandiosa fé, declaro minha alegria em ver a Editora Cultura Cristã também engajada em publicar obras unicamente de cunho reformado. Parabenizo o editor daquela casa, bem

como seu conselho editorial, que tudo têm feito para agigantar a visão reformada da Bíblia e da Igreja. A mim, particularmente, cabe o dever, como trabalhador braçal, de, na surdina, terminada a obra e minha trajetória, receber a palavra final e pessoal unicamente do Supremo Juiz: “bem está **servo** bom e fiel.” Se bom e fiel, porém continua sendo **servo**, enquanto que Ele continua sendo o SENHOR de todos.

Durante toda a trajetória de minha vida e ministério, no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil, afora minhas deficiências pessoais, só fiz uma coisa: enaltecer, com a vida e obra, minha denominação particular, aquela mesma que um dia me recebeu em seu seio para ser minha mãe, aqui, e me ensinou que o Deus eterno é o meu único Deus e Senhor. Espero que, enquanto ainda viver, jamais eu seja escândalo para minha mui amada Igreja Presbiteriana. Quando sou conferencista sobre algum tema polêmico da Escritura, vou logo declarando que não tenho opinião própria sobre o assunto, porquanto tenho crido tudo o que a IPB declara ser sua fé doutrinária. Nunca disse: A Igreja pensa assim, eu, porém, penso diferente. Ao contrário, sempre digo: O conteúdo de meu discurso está pautado pelo pensamento teológico da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Nunca fiz do púlpito, nem de meus escritos, oportunidade de desabafo negativo, para assim denegrir as autoridades da Igreja, como muitos costumam fazer; o que escrevo aqui não é a título de difamação, e sim de esclarecimento; nunca ensinei qualquer doutrina nem cultivei qualquer costume que não fosse do consenso presbiteriano em todo o orbe; já aconteceu diversas vezes de eu ser detestado por terçar armas contra aqueles que não são fiéis à nossa confissão de fé e constituição; muitos me rotulam como sendo presbiteriano demais, enquanto os rotulo como sendo presbiterianos de menos. Hoje me considero ilibado de qualquer ressentimento contra quem quer que seja; tenho considerado todos como sendo superiores a mim, e eu mesmo inferior a todos. Tenho respeitado com reverência as autoridades máximas da Igreja. São meus superiores, a quem devo vênua. No dizer de Paulo, “sou o menor de todos os apóstolos; aliás, nem mesmo sou digno de ser apóstolo”. Minha partida não deve estar muito longe. Espero que os homens me perdoem, porquanto, por sua infinita graça, meu Senhor já me perdoou. Gostaria que meu nome fosse para sempre vinculado tão-só a uma obra que seja de perene edificação para toda a Igreja de nosso Senhor. Aprendi isso com o grande reformador João Calvino. Tudo o que empreendeu em sua breve vida visava à edificação da Igreja de nosso Senhor. Na verdade, meu amor e serviço são direcionados para aquela Igreja plena e celestial que no dia eterno entoará, sem cessar, aleluia Àquele que a comprou com seu próprio sangue, e a Ele pertence a glória para todo o sempre. Ali já não haverá divisas eclesiásticas, nem inimizades, nem desacordos, nem espírito de retaliação. Todos nós estaremos irmanados ao redor do único Senhor – o Senhor da glória. É nisso que vale a pena pensar. É nisso que sempre pensei e quero pensar. É por isso que vale a pena lutar. Amém.

Gratidão

Hoje estou jubilado com o seguinte saldo: Dizem que por detrás de um grande homem há uma grande mulher. Meu único reparo a esse dito é que por detrás de mim há de fato uma grande mulher, porém não sou um grande homem. Mesmo assim, o adágio procede, visto que sempre tive o respaldo de uma grande mulher: esposa e mãe extremada, muito

mais crente que eu, competente auxiliadora em todo o trabalho da igreja. Cremilda, de fato, tem sido uma verdadeira heroína a meu lado. Depois de casada, estudou e alcançou uma vasta gama de conhecimento e experiência. Sempre foi profissional competente e zelosa. Deixou seu nome em escolas de Goiás e no grande Instituto Mackenzie. Hoje, além de cuidar de um marido velho e rabugento, cuida também da mãe, e foi eleita presidente da Sinodal Feminina do Sínodo Brasil Central, além de trabalhar muito na igreja na qual é membro.

Através dela, o Senhor me deu filhos e netos preciosos: Sóstenes, o primogênito, Valéria, Calebe e Nilo; Wânia, Henrique e Guilherme; Simonton, Regiane, Lucas e Ana Clara; Eline, Alexander, Maria Luiza; Wander, Claudia, Jéssica, Amanda, Manoela. Consideramos os cônjuges de nossos filhos como também nossos filhos; nossos dez netos são jóias preciosas da divina clemência. A despeito de todos os percalços, podemos afirmar com verdade que somos hoje uma grande família. Esperamos no Senhor que ele aperfeiçoe as imperfeições individuais e familiares. Além do mais, deixo expresso e impresso que temos cumprido os deveres filiais na pessoa de meus sogros. Ele já partiu, falecendo dentro de nossa casa, cuidado pela filha, de mulher a única; minha sogra, já bem decadente, vive sob o cuidado da mesma filha.

Olho para trás e percebo nitidamente o quanto a Providência é grandiosa e misteriosa. Considero-me vinculado àquele grandioso pensamento do apóstolo: “visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas humildes do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; **a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus**” (1Co 1.26-29). E que este humilde ministério seja suficiente para deixar-lhe um rastro de glória nos rincões de minha amada pátria Brasil.

Glória somente a Deus!

Janeiro de 2010,

Valter Graciano Martins.